

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Trabalho Final de Graduação II – 2020.1

Orientadora: Fabiola Zonno

Julia Valente

Dissolvendo fronteiras da loucura

Requalificação do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira



Sumário

1_ Introdução [p.6 - p.8]

2_ Loucura, Espaço e Arte

2.1_ Lugares da loucura no Rio de Janeiro — concepções de espaço [p.12 - p.24]

2.2_ Nise da Silveira e novas práticas como subversão do espaço [p.26 - p.33]

3_ O Instituto Municipal Nise da Silveira na contemporaneidade

3.1_ O bairro do Engenho de Dentro [p.36 - p.45]

3.2_ Testemunhos arquitetônicos e reminiscências [p.46- p.49]

3.3_ Atividades e apropriações hoje [p.50 - p.53]

3.4_ Análises e Leitura do Espaço [p.54 - p.67]

4_ Intenções projetuais

4.1_ Precedentes e referências [p.70 - p.73]

4.2_ Setorização e Recorte [p.74-p.79]

4.3_ Diretrizes de intervenção [p.80-81]

4.4_ Plano de Massas [p.82-102]

5_ Bibliografia [p.103 - p.104]

6_ Anexo

Linha do tempo

Pranchas (00-8)

1_ Introdução

1. Introdução

A relação entre arte e loucura se configura como um tema geral tanto para o objeto como para as futuras propostas de intervenção. Ao longo da história, surgiram diversas visões sobre o que caracteriza a loucura e o que ela significa.

De maneira simplificada, a loucura pode também ser compreendida como uma construção outra da realidade, interpretações diversas daquelas elaboradas pelos não loucos. De certa forma, pode-se traçar paralelos entre a loucura e a arte ao se considerar que na última, a percepção exata dá lugar ao aspecto interpretativo e subjetivo. Além disso, em diversos momentos, no meio artístico, prezou-se pelo caráter espontâneo e inventivo das obras. Nesse sentido, experiências realizadas a respeito da associação entre as duas temáticas tiveram destaque na primeira metade do século XX, como formas alternativas de tratamento. No Brasil, com o psiquiatra Osório César em São Paulo e com a psiquiatra Nise da Silveira, no Rio de Janeiro, a prática artística foi explorada como possibilidade de expressão dos pacientes. No artigo “A arte a loucura: uma aproximação histórica” de 2007, Camila Zoschke destaca a produção artística como forma de comunicação e linguagem particular:

É também pelo fato de que cada psicótico é singular e porque muitos deles são asilados por anos a fio em instituições nas quais não podem ser ouvidos, que a sua produção se torna algo tão estranho. No entanto, estudiosos afirmam que tanto a linguagem como a produção dos psicóticos é riquíssima, múltipla e variada, e ela pode ser percebida, desde que seja olhada e escutada de outro lugar, levando em conta a sua particularidade¹.

No cruzamento entre arte e loucura, o Instituto Municipal Nise da Silveira foi, historicamente, lugar de experiências extremamente férteis e diversas. E tem sido até hoje, apesar das muitas dificuldades orçamentárias. Assim, o presente trabalho investiga a articulação entre as duas temáticas e busca contribuir tanto para a valorização dessa memória viva quanto para a potencialização das iniciativas existentes, a partir da visão do antigo manicômio como lugar, essencialmente, dessas travessias.

Para melhor compreensão, é necessário situar esse objeto como parte de um processo maior. Na cidade do Rio de Janeiro, os espaços da loucura foram, se afastando do centro durante a primeira metade do século XX, . Dois exemplos disso foram a Colônia de Alienados do Engenho de Dentro (1911) e a Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá (1935), criadas para resolver a questões de superlotação e mesmo transferência do Hospício Nacional de Alienados, uma vez que: “A Urca, bairro onde se localizava o antigo hospício havia se tornado bairro residencial, portanto, não sendo mais conveniente a localização do hospício no local”². Esse movimento em direção aos subúrbios e às áreas rurais da cidade expressava uma lógica de exclusão em relação aos centros urbanos, mas que se manifestava também nas práticas e tratamentos correntes nas instituições, em suas formas de lidar com os pacientes³. Assim, eram reforçadas as fronteiras físicas e sociais entre pessoas em sofrimento mental e o “restante da sociedade”. Entretanto, a partir de 1960, principalmente na Europa surgem teorias questionadoras de um entendimento único sobre o fenômeno da

² As Colônias - Hospício de Pedro II, disponível em: <<http://www.ccms.saude.gov.br/hospicio/colonias2.php>>, acesso em: 16 nov. 2019.

³ OLIVEIRA, Edmar, Cuidando da Desconstrução: do Engenho de Dentro para um Engenho do Fora, Archivos Contemporâneos do Engenho de Dentro - História e Cuidado em Saúde Mental, v. 1, n. Instituto Municipal Nise da Silveira, p. 11–15, 2007, p. 23

loucura⁴, como por exemplo, as ideias apresentadas por Michel Foucault em “História da Loucura”⁵, publicado em 1961. Novas compreensões das enfermidades mentais apontam para a superação das instituições manicomiais e para a reestruturação dos saberes psiquiátricos, uma vez que seriam esses mesmos os produtores da exclusão. A consequência da inversão dessa lógica segregadora é a proposta de uma sociedade sem manicômios⁶. Essa ideia é defendida pelo Movimento dos trabalhadores em saúde mental durante a década de 1980 e resultará na reforma psiquiátrica brasileira, que ocorre em todo o país a partir dos anos 1990. Nesse momento é debatida a desinstitucionalização⁷ e a criação de dispositivos que pudessem substituir os manicômios. Assim, durante a década de 1990 são criados os CAPS (Centros de Atenção Psicossocial)⁸ e as Residências Terapêuticas, por exemplo, que buscam a integração dos usuários de saúde mental à sociedade, o que inclui a vivência do espaço da cidade.

Nesse cenário, o trabalho da psiquiatra Nise da Silveira (1905–1999), desenvolvido no Centro Psiquiátrico Nacional entre 1946 e 1974 (posteriormente chamado Centro Psiquiátrico Pedro II) teve grande destaque. Através da criação de ateliês ela enxergou uma via de comunicação com os pacientes, um “acesso ao mundo interno”, ainda na década de 1940⁹. A grande

⁴ YASUI, Silvio, Conhecendo as origens da reforma psiquiátrica brasileira: as experiências francesa e italiana, História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 18, n. 2, p. 585–589, 2011.

⁵ REVEL, Judith, Dicionário Foucault, Edição: 1a. [s.l.]: Forense Universitária, 2011, p. 62.

⁶ OLIVEIRA, Cuidando da Desconstrução: do Engenho de Dentro para um Engenho do Fora, p. 21

⁷ **Desinstitucionalização** : Retirar alguém ou retirar-se de forma permanente de uma instituição de .correção, de assistência ou de cuidados de saúde. (in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013)

⁸ CENTRO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA SAÚDE, Memória da Loucura, disponível em: <<http://www.ccms.saude.gov.br/memoria%20da%20loucura/Mostra/apresenta.html>>, acesso em: 10 nov. 2019.

⁹ Museu de Imagens do Inconsciente, disponível em: <<http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br/#historico>>, acesso em: 16 nov. 2019.

quantidade de obras produzidas na instituição e o pioneirismo da iniciativa levaram a constituição do Museu de Imagens do Inconsciente em 1952, com trabalhos de grande valor artístico, histórico e científico, considerando os campos de conhecimento da psiquiatria e psicologia. Com acervo tombado pelo IPHAN em 2003, essa organização funciona atualmente, bem como seus ateliês em contínua produção artística, e cuida de um legado de enorme importância¹⁰.

Assim, é preciso destacar o papel chave desse lugar e do trabalho lá desenvolvido como ponto de referência para as transformações em saúde mental ocorridas no final do século XX no Brasil. O reconhecimento de seus valores e singularidades é atravessado por vários aspectos: sua importância como lugar de memória da loucura e das práticas psiquiátricas; seu lugar na história da constituição do bairro e mesmo do subúrbio carioca; e, ainda, suas qualidades de paisagem como um dos maiores e últimos espaços verdes preservados dentro do tecido urbano da região, que carece de áreas livres públicas. Contudo, sua relevância não está congelada no passado— as relações surgidas tanto no seu interior e quanto no contato com a comunidade do Engenho de Dentro o torna muito particular mesmo na contemporaneidade.

Nesse sentido, cabe ressaltar o impacto social e as riquíssimas trocas geradas por iniciativas muito potentes e consolidadas (ligadas diretamente ou não ao Estado), que atualmente se concentram nessa quadra, por exemplo: o bloco de carnaval Loucura Suburbana, as atividades do Museu de Imagens do Inconsciente, a Unidade de Extensão Escolar voltada para a arte e esporte, a ocupação artística Travessias, o Centro de Memória do Instituto Nise da Silveira (que conta com biblioteca e arquivo), ou ainda CRAS

¹⁰ IPHAN, Processo de Tombamento do IPHAN para o acervo do Museu de Imagens do Inconsciente, 2003.

(Centro de Referência de Assistência Social) e os CAPs Raul Seixas e Clarice Lispector.

Na etapa de TFG1, foram realizadas pesquisas e análises sobre o local como fundamentação do trabalho e construção de sua problemática, que permitiram a identificação da natureza da proposta projetual e seu consequente recorte para aprofundamento em TFG2. Essa aproximação foi realizada por meio de pesquisa documental no acervo do Instituto e pesquisa bibliográfica, sobretudo das obras de Nise da Silveira. As derivas pelo Instituto e pelo bairro, registradas a partir de fotografias e croquis também foram fundamentais.

A partir desta primeira etapa, entendemos que uma proposta de requalificação para a área do Instituto deve partir, principalmente, de suas pré-existências e de sua história visando o reconhecimento dos valores e potencialidades do lugar. Deve atuar no sentido de abri-lo ainda mais para a sociedade e buscar aproximar as qualidades do seu espaço físico às práticas artísticas de liberdade existentes hoje, facilitando a comunicação entre as iniciativas que ocorrem atualmente de maneira pouco integrada.

Assim, este trabalho final de graduação tem por objetivo apresentar uma proposta de requalificação do lugar – master plan com intervenções paisagísticas e arquitetônicas propondo novos usos - para a consolidação de um parque urbano no Engenho de Dentro, capaz de aproximar os moradores do antigo espaço manicomial e de contribuir para a construção de uma memória. Como recorte de projeto a ser aprofundado, propõe-se a requalificação do núcleo composto por edificações remanescentes da Colônia de Alienadas do Engenho de Dentro, parte importante da história do instituto, com vistas a colaborar com esses mesmos objetivos.

2. Loucura, espaço e arte

O Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira, sua relação com a arte e as mudanças ocorridas na sua estrutura espacial ao longo da história fazem parte de um processo amplo de transformações nas práticas sobre Saúde Mental e na maneira que vemos o fenômeno da loucura. A instituição atravessou o século XX não apenas como espelho dessa evolução, mas nela teve papel fundamental e singular. Assim, para compreendê-la no presente, é essencial retomar sua relação indissociável com a história dos espaços da loucura no Rio de Janeiro, bem como o impacto e os frutos do trabalho de Nise da Silveira através das práticas artísticas.

2.1. Lugares da loucura no Rio de Janeiro – concepções de espaço

A construção do primeiro espaço dedicado especialmente ao tratamento da loucura, ainda no século XIX, é motivada pelas críticas às condições dos loucos nas instalações da Santa Casa de Misericórdia¹¹ e mesmo nas ruas, notadamente denúncias feitas pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro (1829)¹². Nesse período, a visão sobre a loucura sofreu transformações importantes—o entendimento da condição como doença mental relacionava-a com o saber médico e mesmo com a consolidação da psiquiatria como campo do conhecimento.

Enxergava-se, então, a necessidade de tirar os loucos da cidade e dar-lhes um lugar de tratamento recluso, em espaço medicalizado próprio para tal¹³. Com esse objetivo, é inaugurado, em 1852, o Hospício de Pedro II — assim nomeado em homenagem ao Imperador. A instituição situava-se na Praia Vermelha, região ainda pouco ocupada e afastada do centro urbano¹⁴. Sua própria localização reitera a ideia de exclusão, tanto física quanto social, na maneira de lidar com o fenômeno da loucura, que perduraria ainda por muito tempo.

A edificação ficaria conhecida como Palácio dos Loucos, pela sua dimensão e suntuosidade (imagem 2). De características neoclássicas, o hospício foi inspirado

11 JORGE, Marco Aurélio Soares, Engenho dentro de casa: Sobre a construção de um serviço de atenção diária em saúde mental, Dissertação de Mestrado em Ciências na Área de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz - Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, RJ, 1997, p. 35.

12 CENTRO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA SAÚDE, Memória da Loucura.

13 Ibid.

14 Origens - Hospício de Pedro II, disponível em: <<http://www.ccms.saude.gov.br/hospicio/origens1.php>>, acesso em: 16 nov. 2019.

no hospital dos padres São João de Deus (imagem 1), próximo a Paris. Sua planta é composta por quatro amplos pátios internos e um volume central, de entrada única, que separava as alas masculina e feminina¹⁵. Essa configuração espacial expressava o caráter de vigilância e disciplina moral que se desejava para esse tipo de instituição, em geral:

A amplidão dos espaços, a disciplina, o rigor moral, os passeios supervisionados, a separação por classes sociais e diagnósticos, e a constante vigilância do alienado, materializada arquitetonicamente como um Panóptico (...), representam o nascedouro da psiquiatria no Brasil¹⁶.

É importante destacar a influência das ideias de Philippe Pinel e Jean-Etienne Esquirol, sobretudo nessa época, tanto no tratamento da loucura quanto nos espaços dedicados a este fim. Uma vez que, para Esquirol, o manicômio em si e o isolamento eram responsáveis pela cura da loucura, a relação entre espaço e tratamento era indissociável¹⁷:

O projeto de um hospício de alienados não é de modo algum, uma coisa indiferente e que pode confiar apenas aos arquitetos, o objetivo de um hospital ordinário é tornar mais fáceis e mais econômicos os cuidados dedicados aos indigentes doentes. O hospital de alienados é um instrumento de cura¹⁸.

15 LOPES, José Leme, A Psiquiatria e o Velho Hospício, JORNAL BRASILEIRO DE PSIQUIATRIA, v. v.14, n. Instituto Municipal Nise da Silveira-IMNS, 1965.

16 CENTRO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA SAÚDE, Memória da Loucura.

17 Ibid.

18 JORGE, Engenho dentro de casa: Sobre a construção de um serviço de atenção diária em saúde mental, p. 23.



Imagem 1: Hospital de Saint Jean de Dieu (Paris)



Imagem 2: Hospício de D. Pedro II e Escola Militar na Praia Vermelha (1867)



Imagem 3: Fachada principal do Hospício Nacional de Alienados (1890)

Surgimento das Colônias de Alienados

Ao longo do século XIX, o Hospício e seu funcionamento passam por transformações que, posteriormente resultariam em outra proposta para se lidar com a doença mental, produtora de novos desdobramentos espaciais e urbanos.

Em 1890, o Hospício de Pedro II é desanexado da Santa Casa e torna-se Hospital Nacional de Alienados. Passa então a receber cada vez mais pacientes, entre loucos e diversos outros excluídos sociais, o que ocasiona um cenário de superlotação e caos – já em 1894, a instituição abrigava cerca de 3000 pacientes. Essa situação tem como consequência a degradação da estrutura física e do atendimento (imagem 7), bem como diversas críticas por parte da sociedade¹⁹. Nesse quadro de crise, sem recursos suficientes e crescente aumento por demanda, o espaço perdia sua “função terapêutica” imaginada originalmente²⁰.

19 CENTRO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA SAÚDE, Memória da Loucura.

20 **A Superlotação** - Hospício de Pedro II, disponível em: <<http://www.ccms.saude.gov.br/>

Assim, no mesmo ano são criadas as colônias para pacientes indigentes masculinos “Conde de Mesquita” e “São Bento”(imagens 8 e 9), ambas na Ilha do Governador, por meio das quais buscava-se solucionar ou amenizar os problemas do Hospício Nacional. Nesses novos lugares da loucura, ainda mais distantes dos centros urbanos, os pacientes realizavam atividades agrícolas e artesanais²¹. Além de serem consideradas terapêuticas estas auxiliariam no custeio do tratamento e proporcionariam melhores condições para os pacientes²². Transforma-se, aparentemente, o modelo assistencial vigente até aquela época, com destaque para a atuação de Juliano Moreira, que defendia as colônias também como uma forma moderna, menos violenta e eficiente de se lidar com a doença mental:

hospicio/superlotacao.php>, acesso em: 16 nov. 2019.

21 CENTRO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA SAÚDE, Memória da Loucura.

22 As Colônias - Hospício de Pedro II.

Excusado é insistir em que o Hospício de modo algum bastará às necessidades da Assistência a Alienados do Distrito Federal. Excusado é também desperdiçar palavras para demonstrar que as colônias agrícolas são um excelente meio de assistência a insanos. Portanto, a citada reforma está a impor-se. A economia que advirá para o Estado, as vantagens terapêuticas para os doentes, a possibilidade de restringir a população do Hospício, tudo está a pugnar por esse desideratum²³.

23 Juliano Moreira apud. JORGE, Engenho dentro de casa: Sobre a construção de um serviço de atenção diária em saúde mental.



Imagem 4, 5 e 6: Instalações do Hospício de Pedro II



Imagem 7: Hospício Nacional em más condições



Imagem 8 e 9: Colônia de Alienados na Ilha do Governador



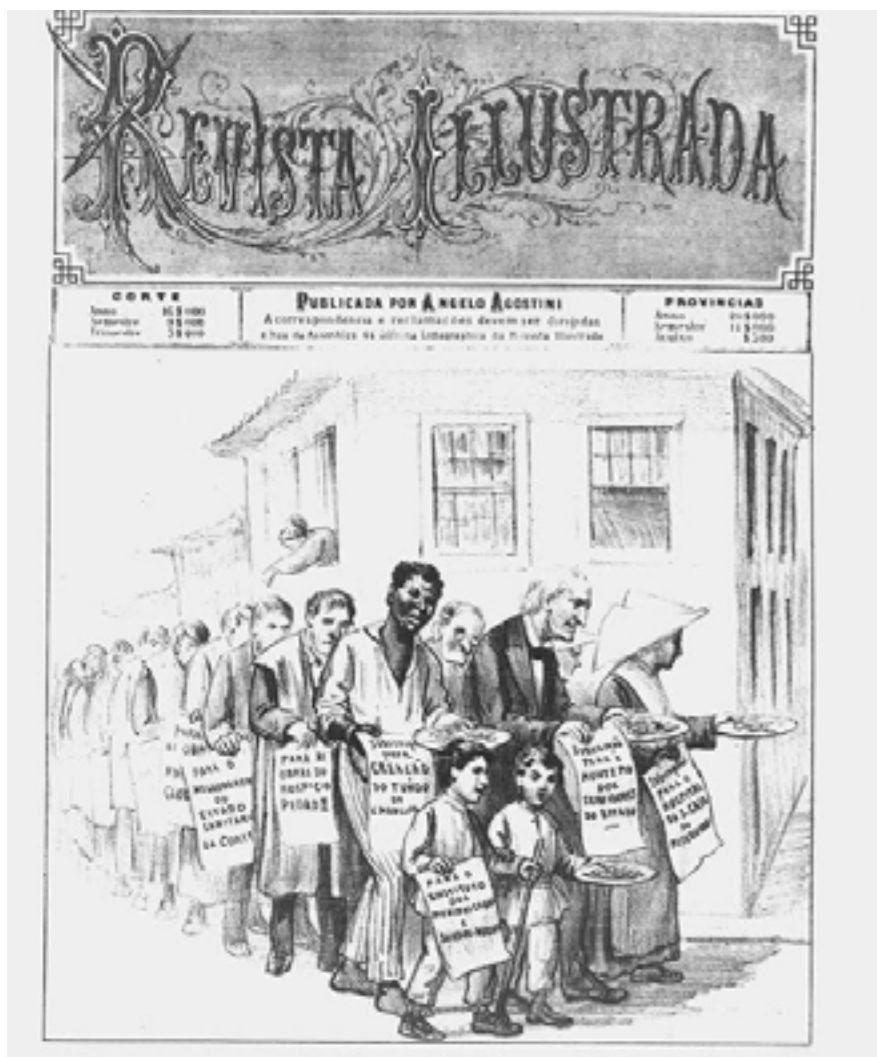


Imagem 10: Charge denunciando as más condições do Hospício de Pedro II (1880)

Posteriormente são criadas as Colônias de Jacarepaguá (imagem 11) e do Engenho de Dentro (imagem 14). A primeira, que começou suas atividades em 1923, já respondia a questões de lotação nas colônias da Ilha do Governador²⁴, ainda que os pacientes fossem encaminhados pelo Hospício Nacional de Alienados. As colônias da Ilha do Governador seriam, após alguns anos, incorporadas por essa e então, extintas.

Já a Colônia do Engenho de Dentro foi criada em 1911, a partir das instalações de um antigo hospital da Marinha²⁵, adaptadas e ampliadas para esse fim. Ela receberia as mulheres indigentes excedentes da mesma instituição, que continuava desempenhando papel central na assistência à saúde mental na cidade²⁶. Na Colônia de Alienadas do Engenho de Dentro, algumas outras práticas também foram experimentadas, como a Assistência Heterofamiliar (na qual famílias de técnicos eram responsáveis por um paciente, em suas residências), um ambulatório aberto à comunidade, e mesmo, uma escola de enfermagem (imagens 12 e 13)²⁷.

24 IMASJM - Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira - Base de Dados História e Loucura, disponível em: <<http://historiaeloucura.gov.br/index.php/instituto-municipal-de-assistencia-saude-juliano-moreira-brasil-brasil-secretaria-municipal-de-saude-do-rio-de-janeiro>>, acesso em: 10 nov. 2019.

25 DA SILVA, Carine Neves Alves, Colônia de Alienados de Engenho de Dentro (1911-1932), Anais do XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia, 2017, p. 3.

26 OLIVEIRA, Cuidando da Desconstrução: do Engenho de Dentro para um Engenho do Fora, p. 16.

27 DA SILVA, Colônia de Alienados de Engenho de Dentro (1911-1932), p. 5.

No que se refere ao espaço, o modelo das colônias diferencia-se bastante em relação Hospício do século XIX. As áreas livres ganham grande importância, principalmente como elemento que possibilitaria as novas práticas terapêuticas. Além disso, adota-se para a implantação das construções o tipo pavilhonar, ou seja, em pequenos blocos. Essa configuração buscava proporcionar aos pacientes uma “ilusão de liberdade”, vista, a partir das críticas ao modelo asilar precedente, como positiva para o tratamento²⁸.

28 JORGE, Engenho dentro de casa: Sobre a construção de um serviço de atenção diária em saúde mental, p. 24.



Imagem 11: Pavilhões da Colônia Juliano Moreira (s.d.)



Imagem 12: Pavilhões de teatro - Cinema para Alienadas no Engenho de Dentro (1928)



Imagem 13: Setor de Assistência Heterofamiliar da Colônia de Alienadas do Engenho de Dentro(1928)



Imagem 14: Pavilhões da Administração(1928) - Não existe mais



Imagem 15: Pavilhão da Escola de enfermeiras Alfredo Pinto (1928) - Não existe mais



Imagem 16: Residência do Psiquiatra Assistente (1928) - Não existe mais



Imagem 17: Pavilhão Refeitório (1928) - Não existe mais



Imagem 18: Pavilhões de Radiologia, Roengterapia e Klinoterapia (1928) - Não existem mais



Imagem 19: Pavilhão dormitório (1928) - atualmente Centro de Estudos



Imagem 20: Pavilhão Anna Nery - Internato das alunas da Escola de Enfermagem(1928)



Imagem 21: Pavilhões de Avicultura (1928)



Imagem 22: Hospital Psiquiátrico Pedro II substitui a colônia no Engenho de Dentro(1944)

Construção dos Macro Hospitais

Paulo Amarante argumenta que, apesar de sua proposta reformadora, as colônias não se diferenciaram muito dos asilos tradicionais²⁹. Com o tempo, essas instituições também acabavam por superlotar e deteriorar, o que comprometia sua proposta inicial de maior liberdade³⁰. Além disso, a partir dos anos 1940 cresce a importância da perspectiva organicista sobre a doença mental, que enxergava na condição da loucura, causas biológicas, prevendo, frequentemente, tratamentos físicos e farmacológicos³¹.

Nesse cenário, o espaço manicomial deixa de ser visto como curativo e passa a desempenhar apenas a função de abrigo para os pacientes, que deveriam estar “à mão para submeter-se a diversos tratamentos físicos”.³² Isso impulsionou a construção dos macro hospitais, estruturas que concentravam em si todos os procedimentos médicos à loucura. Dessa forma, acentua-se ainda mais a exclusão dos loucos do espaço urbano.

No Rio de Janeiro, esse período traz transformações importantes no que diz respeito aos lugares da loucura. Primeiramente, a Praia Vermelha, onde se encontrava o Hospício Nacional, havia se tornado uma região residencial (de classe média alta) – a presença do hospício era, portanto, indesejada. Além disso, o número de internos aumentava criticamente também em função do cenário político do governo Vargas:

O Hospício era, neste momento, um local que “calava” teimosos ou desagradáveis contraditores existentes devido às mudanças causadas pela Intentona Comunista e o clima de perseguição política aos direitos individuais³³.

²⁹ JORGE, Engenho dentro de casa: Sobre a construção de um serviço de atenção diária em saúde mental, p. 24.

³⁰ Ibid., p. 38.

³¹ CENTRO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA SAÚDE, Memória da Loucura.

³² JORGE, Engenho dentro de casa: Sobre a construção de um serviço de atenção diária em saúde mental, p. 24.

³³ As Colônias - Hospício de Pedro II

Assim, a partir de 1938 tem início a transferência dos pacientes dessa instituição para o Centro Psiquiátrico Nacional (antiga Colônia de Alienadas do Engenho de Dentro), concluída em 1943³⁴. Essa medida exige estruturas capazes de abrigar o novo contingente de pessoas, que são materializadas nos enormes blocos médicos construídos na antiga Colônia e que alteram drasticamente sua paisagem. Essa arquitetura de outra escala modifica consideravelmente o caráter quase rural do lugar e se desvincula por completo da “ilusão de liberdade”, traduzida, de certa forma, no espaço das colônias.

A situação permanece semelhante durante as décadas de 1940 a 1980. Durante a ditadura militar, em especial, agrava-se o “processo de decadência e de deterioração, tanto na qualidade da assistência como na conservação dos prédios”³⁵. No entanto, alguns focos importantes de resistência ao tratamento violento e ao isolamento dos pacientes são constituídos, em especial o trabalho da psiquiatra Nise da Silveira (que será mais bem detalhado a seguir).



Imagem 23: Hospital Psiquiátrico Pedro II substitui a colônia no Engenho de Dentro(1944)

³⁴ OLIVEIRA, Cuidando da Desconstrução: do Engenho de Dentro para um Engenho do Fora, p. 17.

³⁵ JORGE, Engenho dentro de casa: Sobre a construção de um serviço de atenção diária em saúde mental, p. 45.

O processo de desinstitucionalização

No final dos anos 1970 tem início a Reforma Psiquiátrica no Brasil. Esse processo é influenciado por reformas na Europa, que questionavam não apenas os paradigmas do tratamento em saúde mental, mas também a constituição do próprio saber psiquiátrico³⁶. Embora os pensamentos fossem variados e dessem origem a teorias diferentes, no geral criticava-se a “situação de opressão, violência, cronificação e exclusão existentes nas instituições psiquiátricas”³⁷. Eram propostas, então, medidas mais participativas e democráticas, para pacientes e trabalhadores.

Nesse contexto, teve importante atuação o Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental, que defendia o lema “por uma sociedade sem manicômios” (imagem 24). Assim, a partir da década de 1980, são debatidos e implantados dispositivos substitutivos ao manicômio em diversas cidades do Brasil, como os Centros de Atenção Psicossocial³⁸. As críticas aos macro hospitais como estruturas opressoras, tanto para os trabalhadores quanto para os usuários, apontam conseqüentemente para o redimensionamento dos serviços de internação nas instituições³⁹.

Desta forma, ao longo dos anos 1990 e 2000, um novo método de atenção à saúde mental foi sendo construído, a partir de debates, conferências, políticas públicas e experiências. As respostas foram pautadas na atuação dentro do território, em centros multidisciplinares e abertos às comunidades⁴⁰. Nesse cenário, o funcionamento dos CAPS tem papel fundamental como sistema que possibilitaria o processo de desinstitucionalização, ainda em curso. Esse processo pode ser entendido como:

36 YASUI, Conhecendo as origens da reforma psiquiátrica brasileira, p. 1.

37 JORGE, Engenho dentro de casa: Sobre a construção de um serviço de atenção diária em saúde mental, p. 33.

38 OLIVEIRA, Cuidando da Desconstrução: do Engenho de Dentro para um Engenho do Fora, p. 23.

39 CENTRO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA SAÚDE, Memória da Loucura.

40 Ibid.

(...) o processo de desinstitucionalização não reside nos dias atuais, na remoção dos sintomas, mas na produção de possibilidades de vida, dentro de um modelo cultural que não seja mais a custódia ou a tutela, mas a construção de projetos que aumentem as possibilidades e probabilidades de vida, entendendo assim a terapia como realargamento dos espaços de liberdade últimos do sujeito humano no sentido de sua emancipação, aumentando os estatutos de liberdade a sua volta⁴¹.

Essas transformações nos paradigmas em saúde mental resultaram também desdobramentos espaciais nos “lugares da loucura” – lugares outros ou heterotopias para usar o termo de Foucault. Fundamentalmente a compreensão de que o espaço manicomial isolado não deveria ocupar papel central no tratamento. Para além disso, poderia ser ele mesmo entendido como instrumento do encarceramento e da conseqüente cronificação dos pacientes.

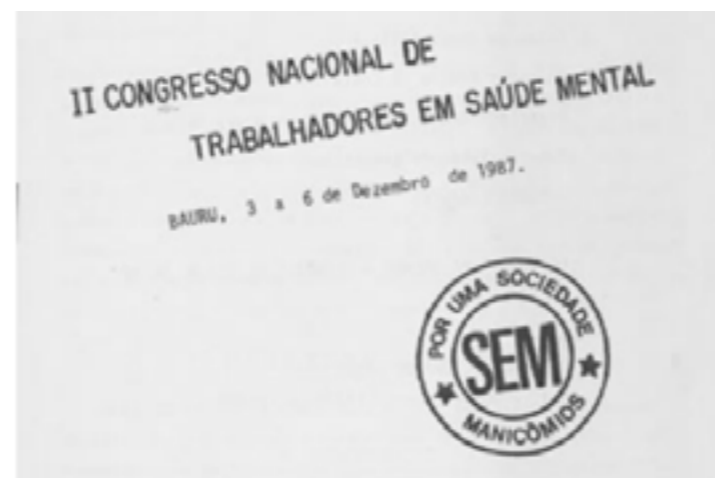


Imagem 24: Lema do II congresso dos Trabalhadores em Saúde Mental : “ POR UMA SOCIEDADE SEM MANICÔMIOS” (1987)

41 JORGE, Engenho dentro de casa: Sobre a construção de um serviço de atenção diária em saúde mental, p. 31.

Assim, os lugares da loucura tornam-se estruturas de ocupação transitória e dinâmica, uma vez que as internações passam a ter caráter pontual e o contato com a comunidade local é previsto como essencial. No que diz respeito à relação com a cidade, passa-se de uma configuração em grandes núcleos isolados, para uma pulverização em pequenos centros, que devem ser conectados ao espaço urbano.

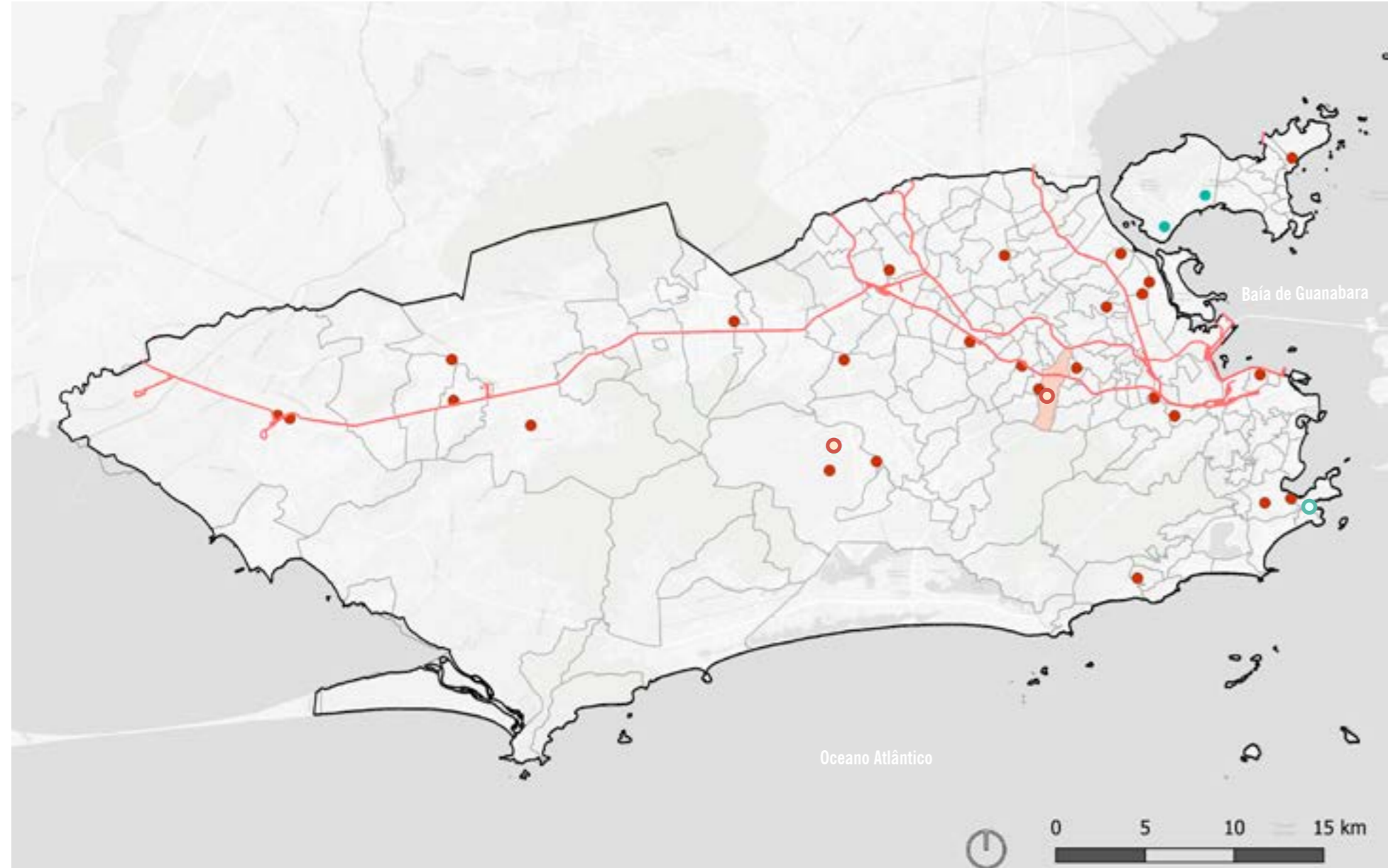
O Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira (denominação desde 2000 da antiga colônia e hospital psiquiátrico do Engenho de Dentro)⁴² representa de maneira emblemática essa metamorfose espacial e social dos lugares da loucura ao longo tempo na cidade do Rio de Janeiro.



Imagem 24: Programa de Volta para Casa, do SUS (2003) regulamenta o auxílio reabilitação para egressos de longas internações psiquiátricas

42 OLIVEIRA, Cuidando da Desconstrução: do Engenho de Dentro para um Engenho do Fora, p. 18.

Lugares da Loucura no Rio de Janeiro



- | | | |
|------------------------------------|------------------------|---------------------|
| ATUAIS | DESATIVADOS | |
| ● CAPS | ● Antigas Colônias | — Linhas Férreas |
| ○ ● Outros espaços da Saúde Mental | ● Hospício de Pedro II | ■ Engenho de Dentro |

2.2. Nise da Silveira e as novas práticas como subversão do espaço

Nise da Silveira desenvolve seu trabalho no Engenho de Dentro revolucionando, ao longo de décadas, as práticas em saúde mental. A psiquiatra confere novo valor à terapia ocupacional por meio da sua relação com a arte como forma de expressão e comunicação, além de repensar a importância do afeto no tratamento. Podemos dizer também que sua atuação foi capaz de subverter arquitetura manicomial e sua lógica disciplinadora – as oficinas e ateliês resultaram apropriações outras, tanto dos interiores, quanto das áreas livres, que contribuíram para transformar a impressão dos “clientes” sobre o espaço.

O Setor de Terapia Ocupacional

Em 1944 a médica alagoana inicia sua carreira no Centro Psiquiátrico Pedro II, após curta experiência no Hospital de Alienados, onde fez sua residência. Porém, apenas em 1946 passa a dirigir o Setor de Terapia Ocupacional (STOR) no Engenho de Dentro⁴³, à época, negligenciado e visto como de importância secundária. Nesse contexto, era corrente a aplicação de métodos muito mais agressivos e mesmo, violentos, tais como coma insulínico, lobotomia, eletrochoque, aos quais Nise sempre fora avessa, desde sua época como estudante⁴⁴. Ela defendia, assim, uma “psiquiatria humanística”⁴⁵, que prezasse pela dignidade dos pacientes, considerando sua “condição de pessoa, com direito de ser respeitada”⁴⁶.

Assim, mesmo com pouca aceitação ou recursos, as práticas começaram “em um pequeno dormitório que havia sido transformado em sala para atividades ocupacionais”⁴⁷. A intenção de Nise da Silveira era que tais atividades constituíssem parte central do tratamento, mesmo levando em consideração seu status de método auxiliar nesse momento. Sua conquista do espaço hospitalar aconteceu aos poucos e frente a muita resistência por parte de seus colegas, mesmo após seu reconhecimento internacional. Nesse sentido, 17 núcleos diferentes de atividades chegaram a ser implantados (imagens 25 a 32) e tinham por objetivo estimular a capacidade de comunicação de seus frequentadores, por meios não verbais:

43 Nise da Silveira, Vida e Obra - Seção de Terapêutica Ocupacional, disponível em: <<http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/secao-de-terapeutica-ocupacional.php>>, acesso em: 16 nov. 2019.

44 MELLO, Luiz Carlos, Caminhos de Uma Psiquiatra Rebelde, Rio de Janeiro, RJ: Automatica Ed., 2014, p. 15.

45 SILVEIRA, Nise da, Imagens do inconsciente, Edição: 1a. Petrópolis: Editora Vozes, 2015, p. 13.

46 Nise da Silveira, Vida e Obra - O afeto catalisador, disponível em: <<http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/afeto-catalisador.php>>, acesso em: 16 nov. 2019.

47 MELLO, Caminhos de Uma Psiquiatra Rebelde, p. 15.

A comunicação com o esquizofrênico, nos casos graves, terá um mínimo de probabilidade de êxito se for iniciada no nível verbal de nossas relações interpessoais. Isso só ocorrerá quando o processo de cura já se achar bastante adiantado. Será preciso partir do nível não verbal. É aí que particularmente se insere a terapia ocupacional, oferecendo atividades que permitam a expressão de vivências não verbalizáveis por aquele que se acha mergulhado na profundidade do inconsciente, isto é, no mundo arcaico de pensamentos, emoções e impulsos fora do alcance das elaborações da razão e da palavra. O exercício de atividades poderá adquirir importante significação. Em vez dos impulsos arcaicos exteriorizarem-se desabridamente, lhes oferecemos o declive que a espécie humana sulcou durante milênios para exprimi-los: dança, representações mímicas, pintura, modelagem, música. Será o mais simples e o mais eficaz⁴⁸.

Dentre as atividades, teve especial destaque a produção do ateliê de pintura. É, sobretudo, nesse lugar que enxergamos as inúmeras relações entre a arte e a loucura. A Dra. Nise dedicou-se intensamente ao seu estudo, buscando na psicologia Junguiana, nos mitos clássicos e na arte, as bases para sua interpretação⁴⁹. Ela traça paralelos inclusive com o movimento da Arte Bruta, liderado por Jean Dubuffet⁵⁰. Entretanto, cabe destacar que houve pouco interesse por parte dos profissionais do meio médico, cabendo a artistas e críticos de arte maior apoio às atividades, em especial o crítico de arte Mário Pedrosa⁵¹.

48 Nise da Silveira, Vida e Obra - Ateliê de pintura, disponível em: <<http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/ateliê-de-pintura.php>>, acesso em: 16 nov. 2019.

49 OLIVEIRA, Luciana, A prática da psicoterapia no mundo das imagens, in: Anais do Seminário Leitura de Imagens: a epistemologia de Nise da Silveira, 1a. Rio de Janeiro, RJ: Hólos consultoria e assessoria, 2017, p. 41.

50 SILVEIRA, Imagens do inconsciente, p. 17.

51 MELLO, Caminhos de Uma Psiquiatra Rebelde, p. 18.



Imagem 25: Oficina com retalhos de tecido (s.d)



Imagem 26: Partida de futebol (s.d)



Imagem 27: Ateliê de Pintura (s.d)



Imagem 28: Festa junina (s.d)



Imagem 29: Oficina de costura (s.d)



Imagem 30: Salão de beleza (s.d)



Imagem 31: Peça de teatro (s.d)



Imagem 32: Performance - uma cliente solta um pássaro enquanto o poema de Olavo Bilac é recitado

Armas, num galho de árvore, o alçapão
E, em breve, uma avezinha descuidada,
Batendo as asas cai na escravidão.
Dás-lhe então, por esplêndida morada,
Gaiola dourada;

Dás-lhe alpiste, e água fresca, e ovos
e tudo.
Por que é que, tendo tudo, há de ficar
O passarinho mudo,
Arrepiado e triste sem cantar?
É que, criança, os pássaros não falam.

Só gorjeando a sua dor exalam,
Sem que os homens os possam
entender;
Se os pássaros falassem,
Talvez os teus ouvidos escutassem
Este cativo pássaro dizer:

“Não quero o teu alpiste!
Gosto mais do alimento que procuro
Na mata livre em que voar me viste;
Tenho água fresca num recanto escuro

Pássaro Cativo Olavo Bilac (1929)

Da selva em que nasci;
Da mata entre os verdes,
Tenho frutos e flores
Sem precisar de ti!

Não quero a tua esplêndida gaiola!
Pois nenhuma riqueza me consola,
De haver perdido aquilo que perdi...
Prefiro o ninho humilde construído

De folhas secas, plácido, escondido.
Solta-me ao vento e ao sol!
Com que direito à escravidão me
obrigas?

Quero saudar as pombas do arrebol!
Quero, ao cair da tarde,
Entoar minhas tristíssimas cantigas!
Por que me prendes? Solta-me, covarde!
Deus me deu por gaiola a imensidade!
Não me roubes a minha liberdade...
Quero voar! Voar!

Estas cousas o pássaro diria,
Se pudesse falar,
E a tua alma, criança, tremeria,
Vendo tanta aflição,
E a tua mão tremendo lhe abria
A porta da prisão...

No que diz respeito à pesquisa das imagens em si, o trabalho feito no Setor de Terapia Ocupacional ao longo dos anos foi singular, uma vez que a análise da produção artística desenvolvida por pacientes psiquiátricos era muitas vezes reduzida a busca por sinais de patologia⁵². Contudo, Nise da Silveira enxerga nas imagens produzidas no atelier a possibilidade de acesso ao mundo interno dos pacientes. Assim a pintura se tornaria uma ferramenta de expressão e reorganização: “Pintar seria agir. Seria um método de ação adequado para a defesa contra a inundação pelos conteúdos do inconsciente”⁵³. Em meio a seus profundos estudos sobre as imagens, a psiquiatra destaca ainda a relação entre o estado psíquico dos clientes, de maior afastamento ou proximidade com o mundo externo, com sua produção⁵⁴, sem, todavia, estabelecer códigos e significados que se repetem para tal. Ou seja, “a linguagem abstrata cria-se a si própria a cada instante, no impulso das forças em movimento no inconsciente”⁵⁵.

Nesse contexto, destacam-se as mandalas (imagens 33 a 37) e os círculos, pintadas de forma recorrente. Essas figuras circulares, de estrutura mais ou menos regular, despertaram especial interesse, tanto artístico quanto científico. Nise da Silveira interpretou-as como símbolos, ou seja, ponte entre o consciente e o inconsciente, buscando em Jung a sua compreensão. As mandalas são então entendidas como “a mobilização de forças autocurativas a fim de compensar a desordem interna”⁵⁶ diante do caos interior.

52 SILVEIRA, Imagens do inconsciente, p. 13.
 53 Ibid., p. 15.
 54 Ibid., p. 21.
 55 Ibid., p. 22
 56 OLIVEIRA, A prática da psicoterapia no mundo das imagens, p. 36.

Outro aspecto investigado no Setor de Terapia ocupacional foi o papel do afeto no tratamento dos internos. Diante do cenário de agressividade e violência com que eram tratados, a presença de relações estáveis e afetivas como ponto de apoio, principalmente com os monitores, manifestou grandes transformações na capacidade de expressão dos clientes⁵⁷. O afeto possibilitou que eles estabelecessem contato com a realidade, em especial através da interação com os animais e com as atividades de jardinagem. Pode-se dizer que a presença do afeto era uma característica essencial e comum a todas as atividades⁵⁸:

“Será preciso constância, paciência e um ambiente livre de qualquer coação para que relações de amizade e de compreensão possam ser criadas. Sem a ponte desse relacionamento, a cura será quase impossível. O afeto foi fator constante na nossa Seção de Terapêutica Ocupacional, não só na pintura, mas também na encadernação, na marcenaria, na jardinagem, na costura, na tapeçaria, etc.”⁵⁹.



Imagem 33: Arthur Amora (déc. 1940)

57 Nise da Silveira, Vida e Obra - Seção de Terapêutica Ocupacional.
 58 MELLO, Caminhos de Uma Psiquiatra Rebelde, p. 31
 59 Ibid., p. 94.

A Subversão do espaço

Considerando caráter disciplinador e repressor das estruturas como o hospital psiquiátrico⁶⁰, as apropriações promovidas pelo Setor de Terapia ocupacional podem ser entendidas como formas de subversão dessa arquitetura. Ao ocupá-la com pintura ao ar livre, peças de teatro, performances, festas, dança, jogos, Nise da Silveira atribui a ela uma natureza lúdica, talvez deliberadamente excluída desse espaço. “A ausência de interesse da psiquiatria pelos problemas do espaço revela-se na arquitetura hospitalar. É uma arquitetura fria, rígida. Dá suporte e reforço ao medo, ao sentimento de estar isolado de tudo”⁶¹.



Imagem 34: Fernando Diniz (1953)

60 REVEL, Dicionário Foucault, p. 38.
 61 SILVEIRA, Imagens do inconsciente, p. 38.



Imagem 35: Fernando Diniz (s.d)



Imagem 36: Carlos Pertuis (1958)

62 Ibid.
 63 Ibid., p. 40.



Imagem 37: Albertina Borges (s.d)

Além disso, através de obras de clientes no atelier de pintura, conseguiu-se acessar sua percepção da vivência desse mesmo espaço e, portanto, perceber como ela é transformada pela presença do afeto. Das obras de Emygdio de Barros (imagem 38) e Heitor Teixeira (imagem 40), depreende-se o sentimento de isolamento ligado ao espaço hospitalar⁶². No entanto, ao retratar os jardins, por exemplo, Emygdio mostra a luz e a vegetação abundantes (imagem 39). Já algumas de suas pinturas registrando o ateliê assemelham-se à realidade externa, o que pode mostrar maior proximidade afetiva com esse espaço (Imagem 41):

O atelier era lugar agradável, amplo espaço com janelas sempre abertas deixando ver as velhas árvores. O recinto do atelier foi muitas vezes escolhido como motivo para as pinturas, o que indica quanto este lugar era significativo para seus frequentadores. Ali o mundo externo era ameno⁶³.



Imagem 38: Emygdio de Barros (1970)

São essas práticas pioneiras, baseadas no afeto, comunicação e valorização da expressão, que permanecem como legado nesse lugar da loucura. Até hoje, em confronto com a rigorosa arquitetura hospitalar, a arte permeia o Instituto Municipal Nise da Silveira de diversas maneiras. Continua apropriando-se desse espaço e para além dele, da própria cidade. Portanto, o reconhecimento de valor patrimonial desse lugar passa, não só pelo construído, mas essencialmente, pelo imaterial.



Imagem 42: Corredor ocupado pelo Museu de Imagens do Inconsciente na sede do hospital (1956 - 1981)



Imagem 39: Emygdio de Barros (1948)

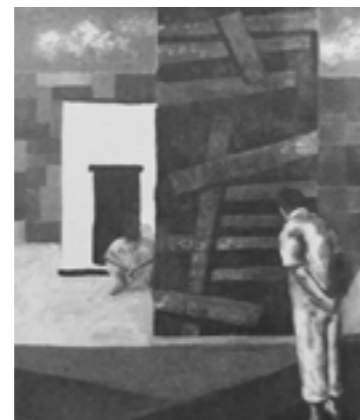


Imagem 40: Heitor Teixeira (1972)



Imagem 41: Emygdio de Barros (1968)



Imagem 43: Espaço Travessias (2019)

3. O Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira na contemporaneidade

Como já exposto, o espaço ocupado pelo Instituto sofreu diversas transformações ao longo de sua história, mas continua sendo relevante em diversos aspectos e criando trocas diversas até hoje. Atualmente, não apenas realiza relevante trabalho na área da Saúde Mental, mas também abriga ações de preservação de sua própria memória e da memória da psiquiatria no Rio de Janeiro, em geral.

Além disso, é parte importante da formação do bairro do Engenho de Dentro e cria vínculos com a comunidade de moradores por meio das apropriações artísticas, educativas e culturais que ali acontecem. Cabe destacar também sua singularidade na paisagem. Em um subúrbio adensado, configura-se como uma das maiores áreas verdes e livres. Por esse motivo, tem grande potencial como parque urbano.

3.1. O IMNS no bairro do Engenho de Dentro

O Engenho de Dentro, assim como outros bairros do subúrbio carioca foi marcado pela presença da linha férrea, tendo seu desenvolvimento em parte orientado por ela. Assim, a partir da segunda metade do século XIX, a região passou por intensas transformações⁶⁴ - principalmente devido ao funcionamento das oficinas, na década de 1950, e da estação de trem inaugurada em 1871(3). As oficinas tiveram tanta importância, que a região chegou a ficar conhecida como “bairro das oficinas”⁶⁵. Logo, quando a colônia de alienados foi implantada, encontrou não apenas um subúrbio consolidado mas em processo de expansão.

64 ABREU, Maurício de Almeida, A evolução urbana do Rio de Janeiro, 4a. Rio de Janeiro: IPP - Instituto Pereira Passos, 2013, p. 50.

65 MORAES, Cristina Vignoli, Bairros do Rio: Meier e Engenho de Dentro, 1a. Rio de Janeiro, RJ: Fraiha, 1998, p. 29.

A tradição do carnaval também é muito marcante no Engenho de Dentro, principalmente o carnaval de rua. Os blocos Chave de Ouro (12) e Arranco (8), criados entre as décadas de 1940 e 50 e ativos por muitos anos são exemplo disso⁶⁶. Fazem parte dessa memória viva também os desfiles do Bloco Loucura Suburbana (11), iniciado em 2001 “como parte do processo de desconstrução do modelo hospitalar”⁶⁷.

Podemos enxergar a presença do Instituto (Colônia de Alienados, Hospital Psiquiátrico...) e do Museu de Imagens do Inconsciente (10) como elemento indissociável de uma história mais abrangente desse lugar, que pode ser vista também em outros registros presentes na sua paisagem - a Igreja de Nossa Senhora da Conceição e São José (5), o primeiro Sesc do Brasil(6), a Praça Rio Grande do Norte(9), conjunto Art-deco da Rua Adolfo Bergamini (7), o Museu do Trem (3) e o Estádio Nilton Santos (1), a Praça do Trem (2).

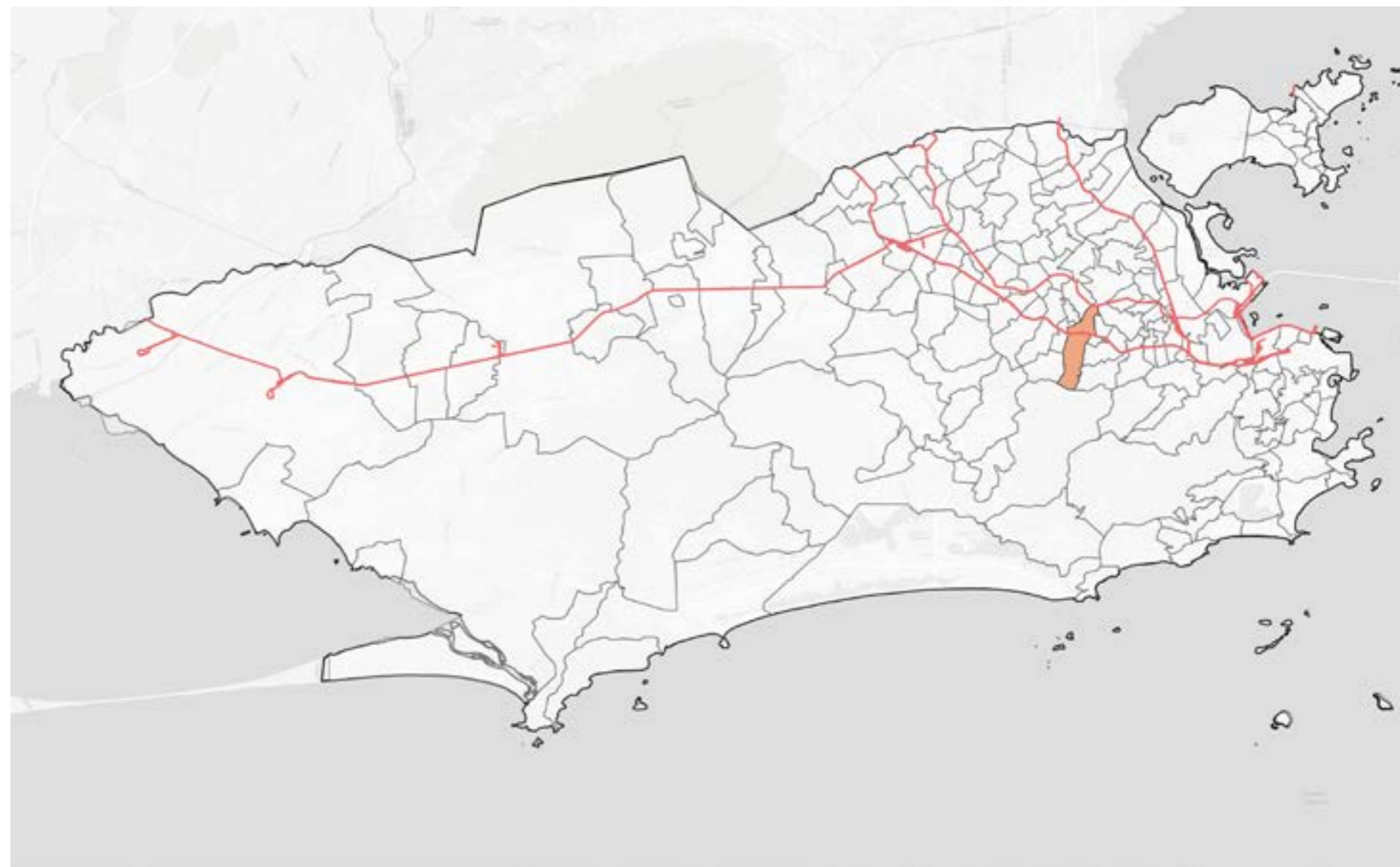


Imagem 44: Carnaval de rua no Engenho de Dentro (s.d.)

66 Muito que conhecer no Engenho de Dentro, MultiRio, disponível em: <<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/6589-muito-que-conhecer-no-engenho-de-dentro>>, acesso em: 16 nov. 2019.

67 História, Loucura Suburbana, disponível em: <<https://www.loucurasuburbana.org>>, acesso em: 16 nov. 2019

Localização na cidade



— Linhas Férreas
— Engenho de Dentro

Engenho de Dentro e sua história



— Vias principais
 — Limites do bairro
 — Estruturas ligadas a história do bairro
 ■ Praças



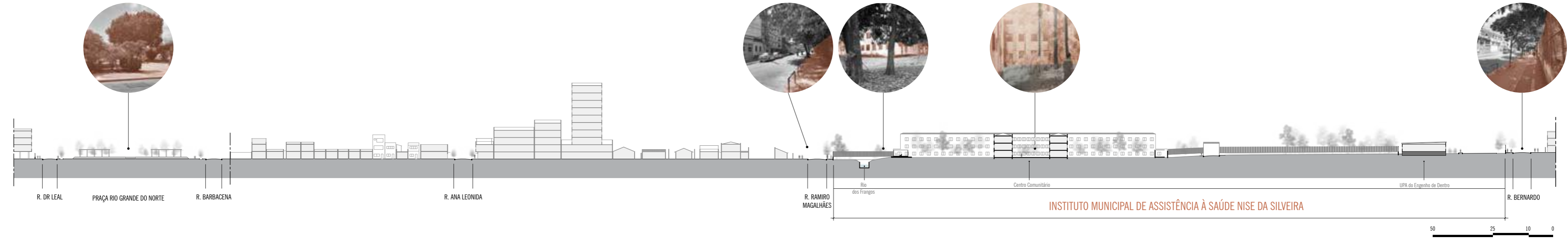
— Linhas Férreas
— Engenho de Dentro

Cortes urbanos

Corte AA

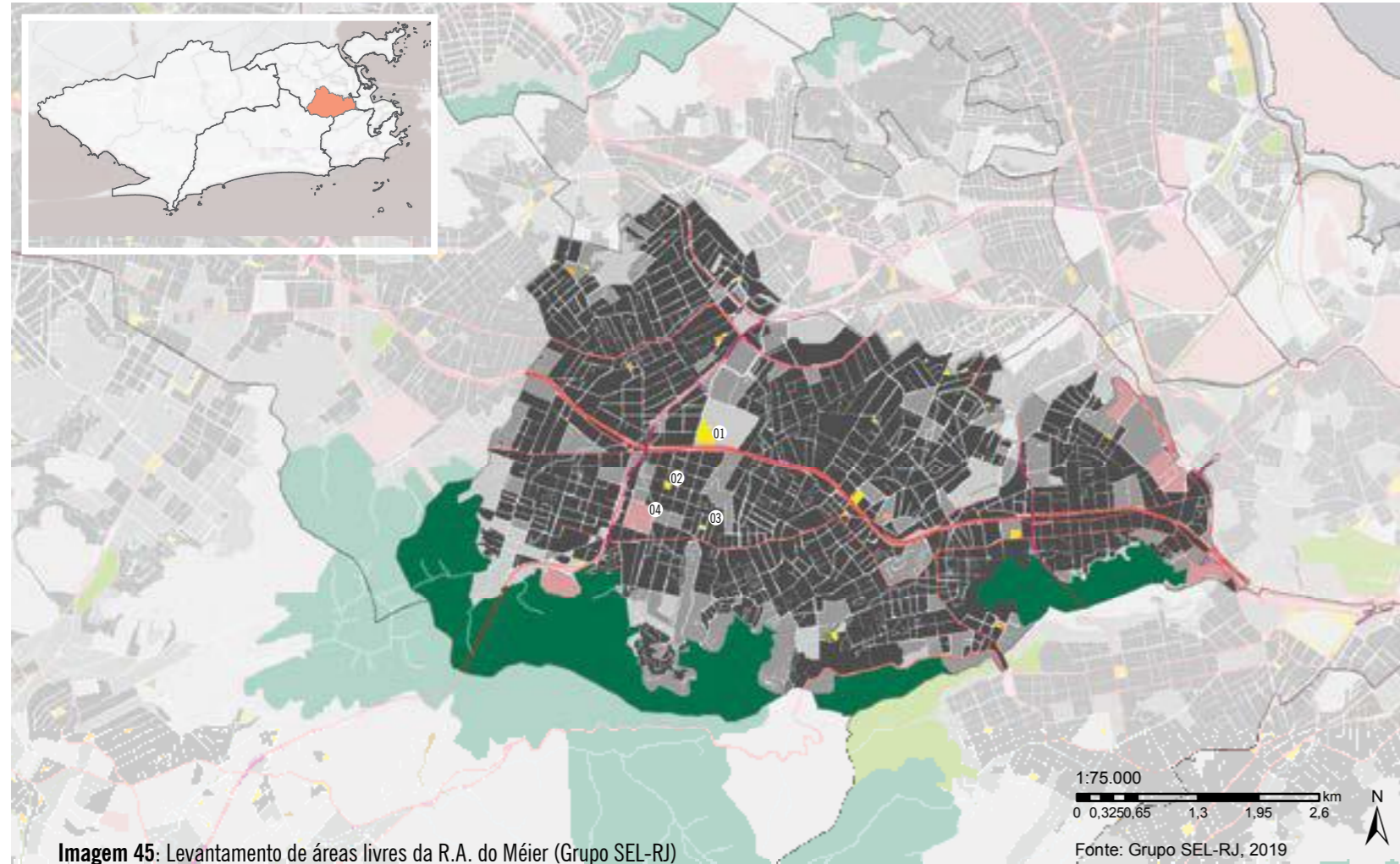


Corte BB



Espaços livres

O bairro é bastante ocupado por construções porém pouco adensadas. A região possui também poucas praças e espaços livres públicos, em geral, que possam abrigar atividades coletivas e de lazer. Entre eles destacam-se a Praça do Trem, próxima ao Engenho (1), a praça Rio Grande do Norte (2) e a Praça Amambaí (3). Possibilitar o acesso ao IMNS (4) poderia ser positivo, especialmente pela riqueza de atividades que já acontecem nesse lugar, que além de valor histórico, tem grande valor paisagístico, como uma das maiores áreas verdes do entorno.



01 Praça do Trem



02 Praça Rio Grande do Norte



03 Praça Amambaí

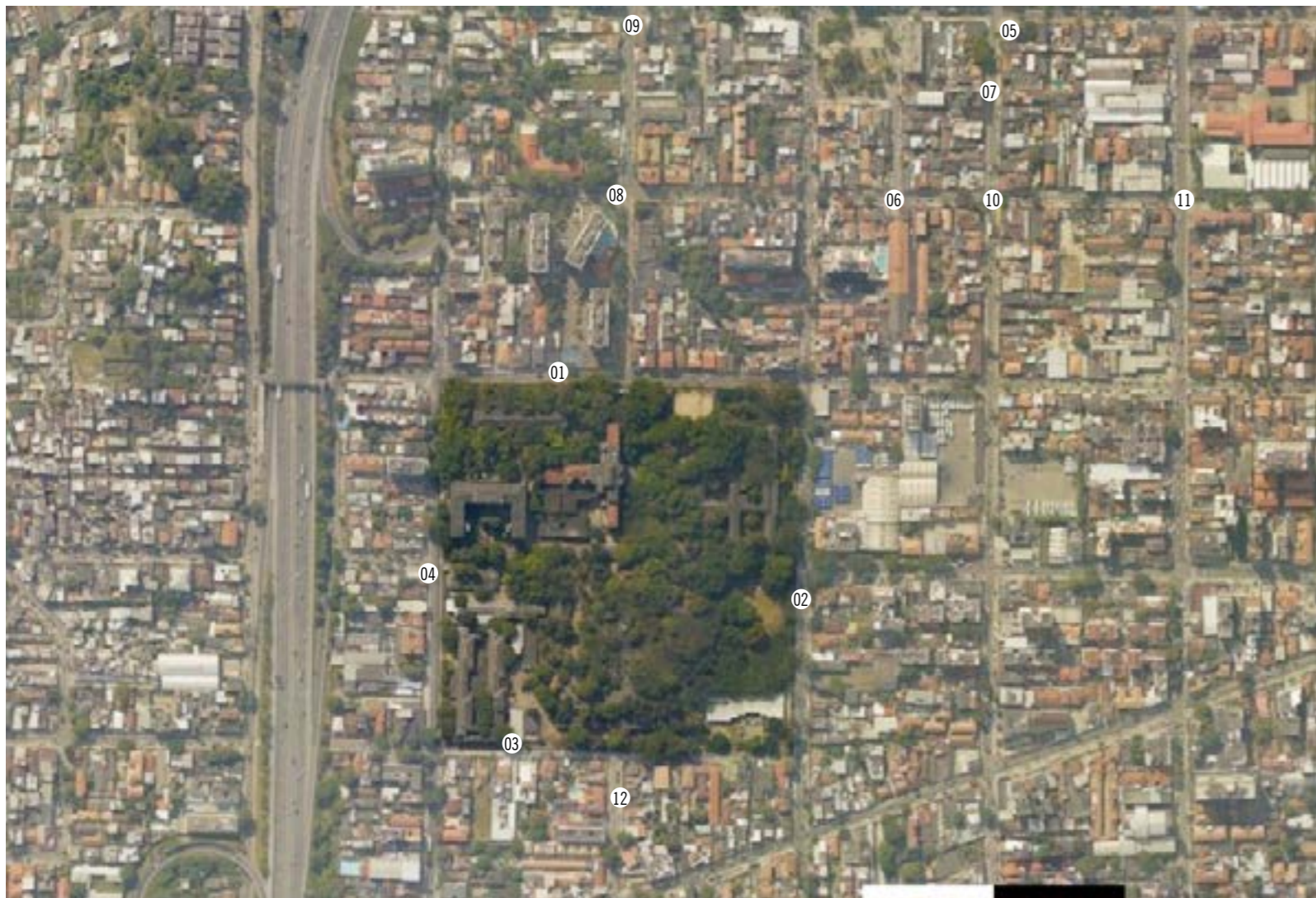


04 Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira



Características do entorno

As ruas ao redor do IMNS e nas suas proximidades são ocupadas principalmente por edificações de gabarito baixo e , majoritariamente, de uso residencial (unifamiliar e multifamiliar). A paisagem é marcada por vias pouco movimentadas e pela presença pontual da vegetação. Destacam-se também algumas edificações de características tradicionais da arquitetura residencial de início / meados do séc XX. No entorno, o eixo principal de comércio, transporte e serviços é a Rua Adolfo Bergamini (além da Rua Dias da Cruz).



3.2. Testemunhos arquitetônicos e reminiscências

A investigação sobre as camadas de tempo que compõem esse lugar partiu dos fragmentos que hoje constituem sua paisagem. Assim, podemos encontrar refletidas no Instituto, as transformações nos espaços da loucura ao longo da história.

Edifícios Remanescentes da Colônia de Alienadas

Esses pavilhões de menor escala em relação aos demais edifícios datam do início do século XX, foram bastante alterados ao longo do tempo e alguns deles estão em estado de conservação precário. Espalhados na área do IMASNS, alguns deles são ainda pouco visíveis e pouco acessíveis. Assim, pode-se entender que a espacialidade da Colônia de Alienadas já não pode ser apreendida atualmente.



Imagem 45: Pavilhão Juliano Moreira - Dormitório (1928)



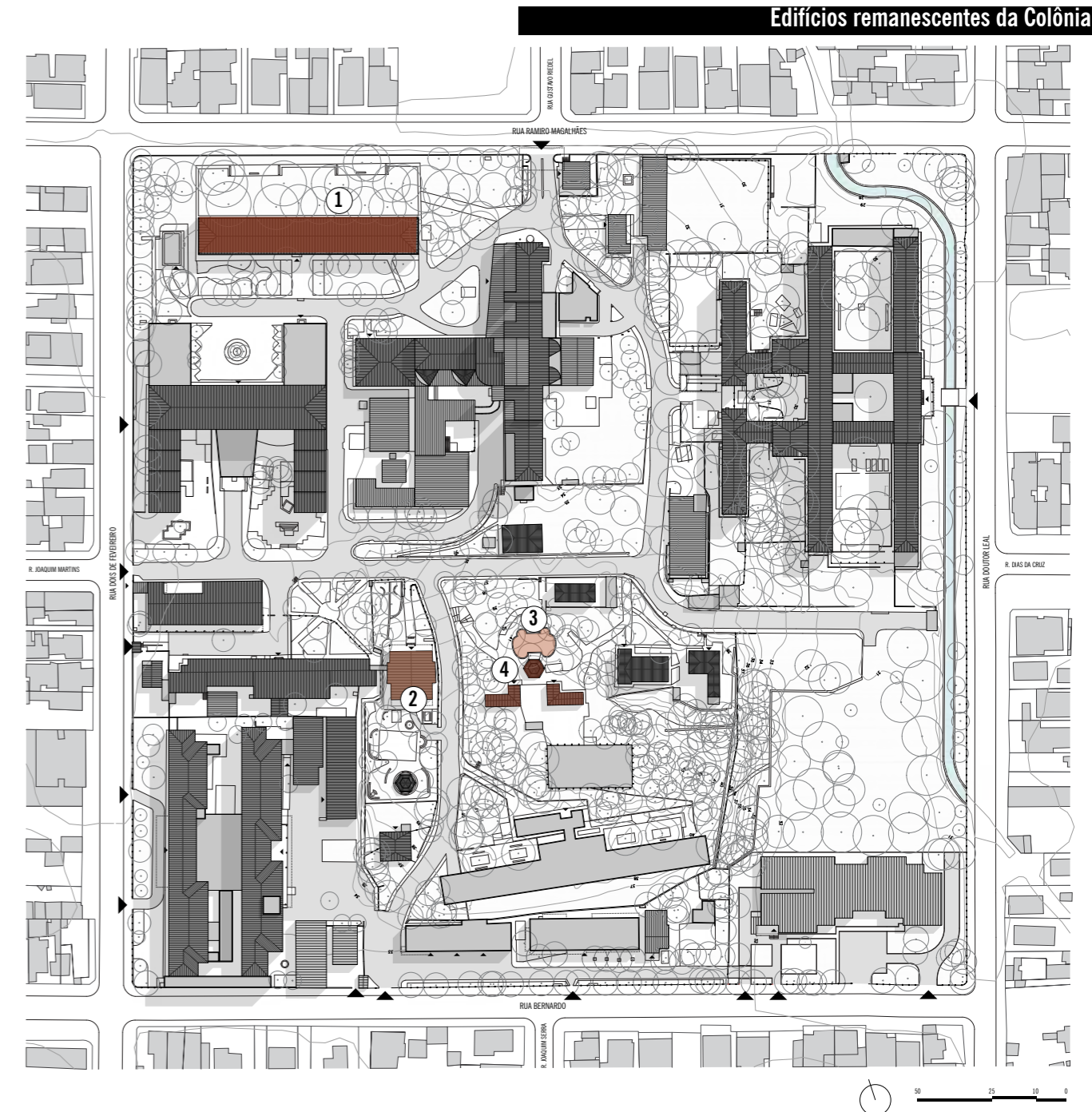
Imagem 46 : Pavilhão Anna Nery - Internato da Escola de Enfermeiras (1928)



Imagem 47: Pavilhões do serviço de avicultura (1928)



Imagem 48 : Lago com vista para o pavilhão Juliano Moreira (1928)



3.3. Atividades e apropriações hoje

Atualmente diversas atividades dividem o espaço do instituto, relacionadas diretamente ou não com a saúde mental, em maior ou menor grau de integração entre si. Com isso, os programas dos edifícios mudaram e surgiram novas formas de apropriação dos espaços livres (Ver prancha 01 - Identificação dos Edifícios).



Imagem 55: Galerias do Espaço Travessia (2019)



Imagem 56: Museu de Imagens do Inconsciente



Imagem 57: Seminário sobre Memória da Loucura



Imagem 58: Bloco de Carnaval Loucura suburbana

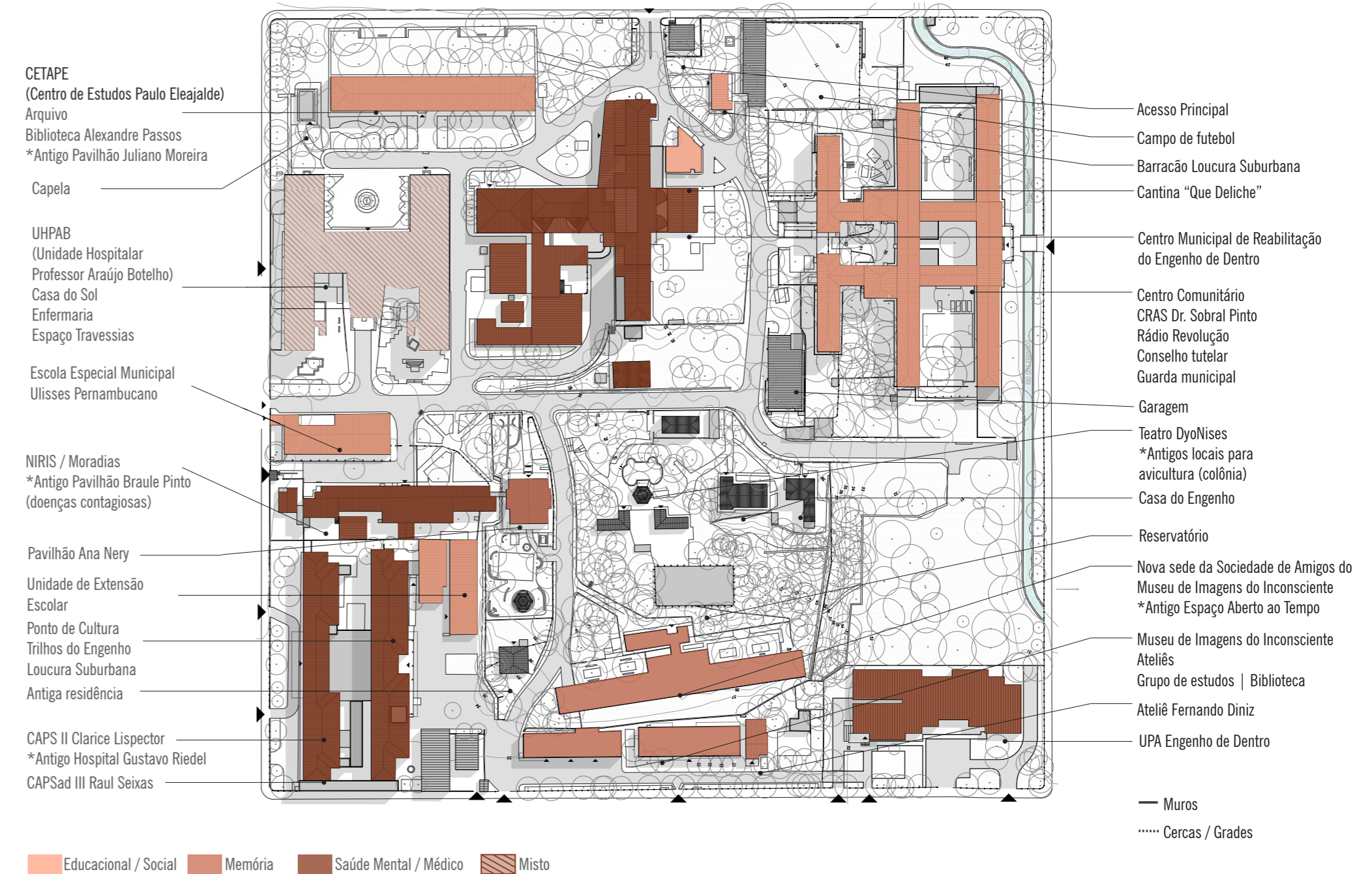


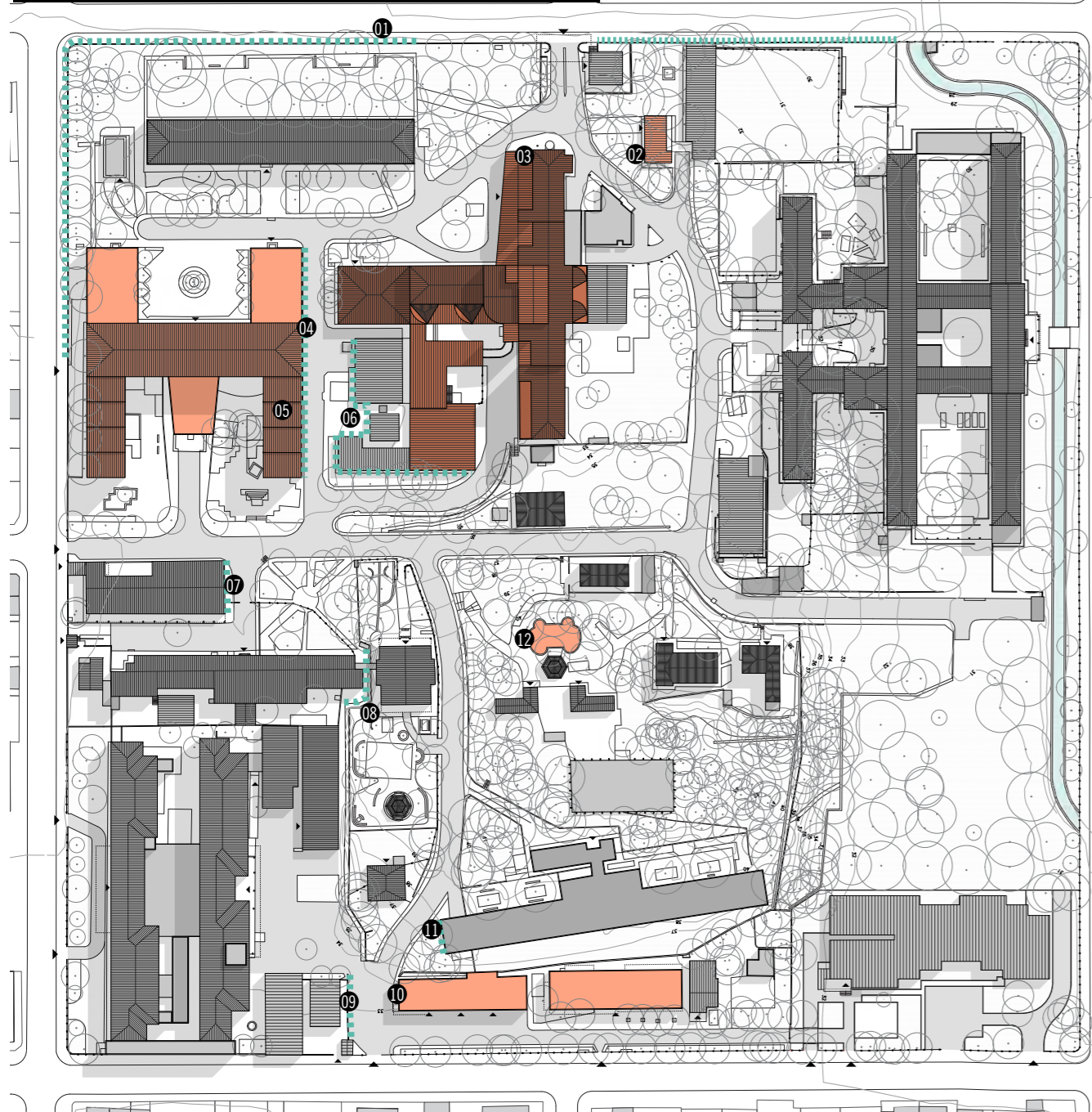
Imagem 59: Grupo de estudos



Imagem 60: Apropriações artísticas

Apropriações e atividades no IMASNS





Intervenções artísticas

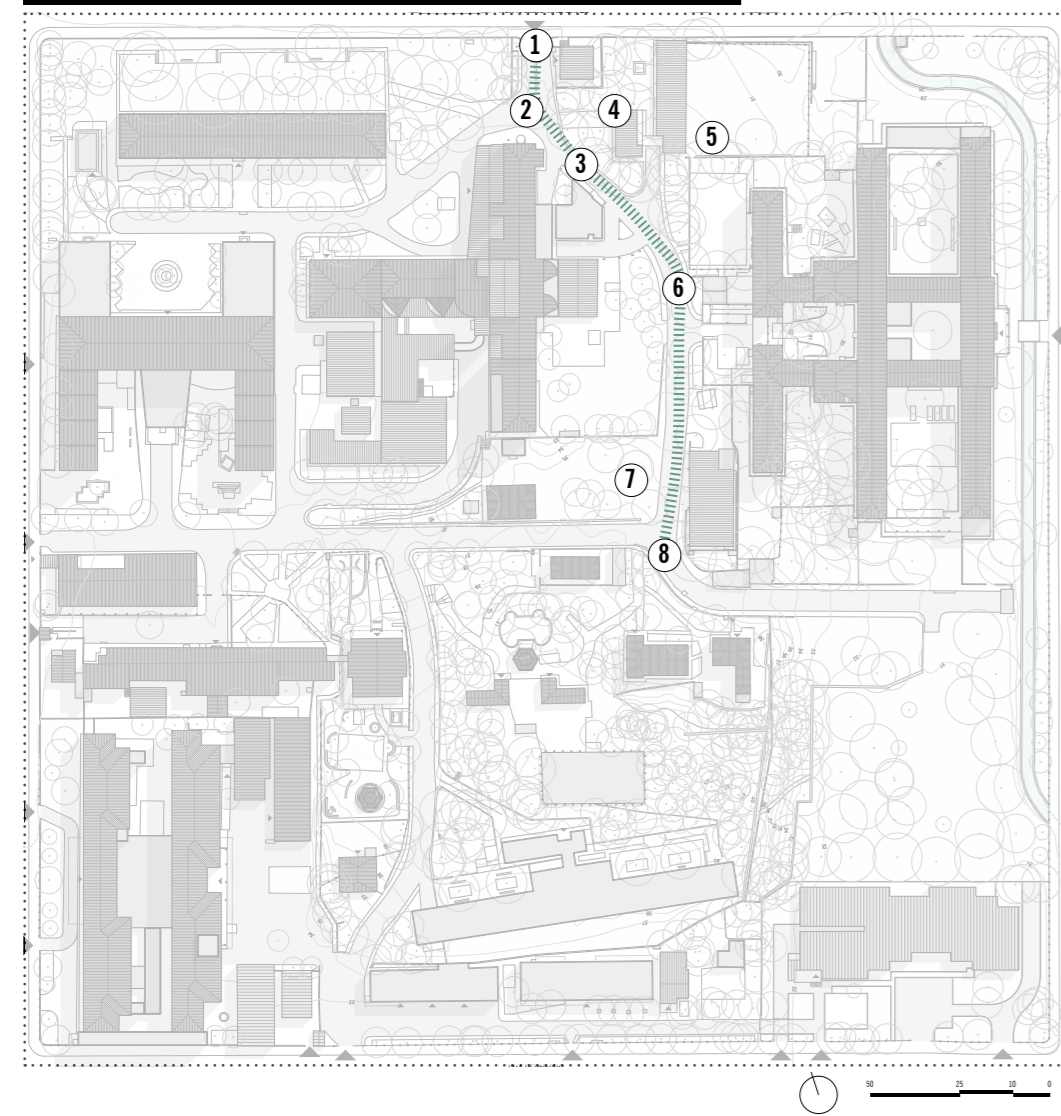
O IMASNS é atualmente lugar de diversas intervenções artísticas, incluindo pintura mural, instalações artísticas variadas, performance, teatro, poesia; assim como no passado, quando abrigava as atividades desenvolvidas pela STOR (Setor de Terapia Ocupacional) e o primeiro Museu de Imagens do Inconsciente. (Ver prancha 02 - Intervenções artísticas).



3.4. Análises e leituras do espaço

A área ocupada pelo IMASNS apresenta espacialidades diversas e diferentes possibilidades de percursos entre as grandes estruturas que orientam/orientavam seu funcionamento. A vegetação e a topografia são elementos marcantes, assim como os limites que definem os caminhos e acessos. (Ver apresentação Percursos)

Percurso 01 - Acesso / Bloco Médico Cirúrgico



Percurso 01

Tem início no acesso principal, na rua Ramiro Magalhães e percorre a via à direita, passando pela lateral do Bloco Médico Cirúrgico e pela fachada posterior do Centro Comunitário.



1_Acesso principal



2_Bloco Médico cirúrgico



3_Cantina / Acesso ao Bloco Médico-Cirúrgico



4_Barracão Loucura Suburbana



5_Antigo Necrotério / Campo de Futebol



6_Acesso ao antigo Centro Comunitário



7_Área posterior do Bloco Médico Cirúrgico

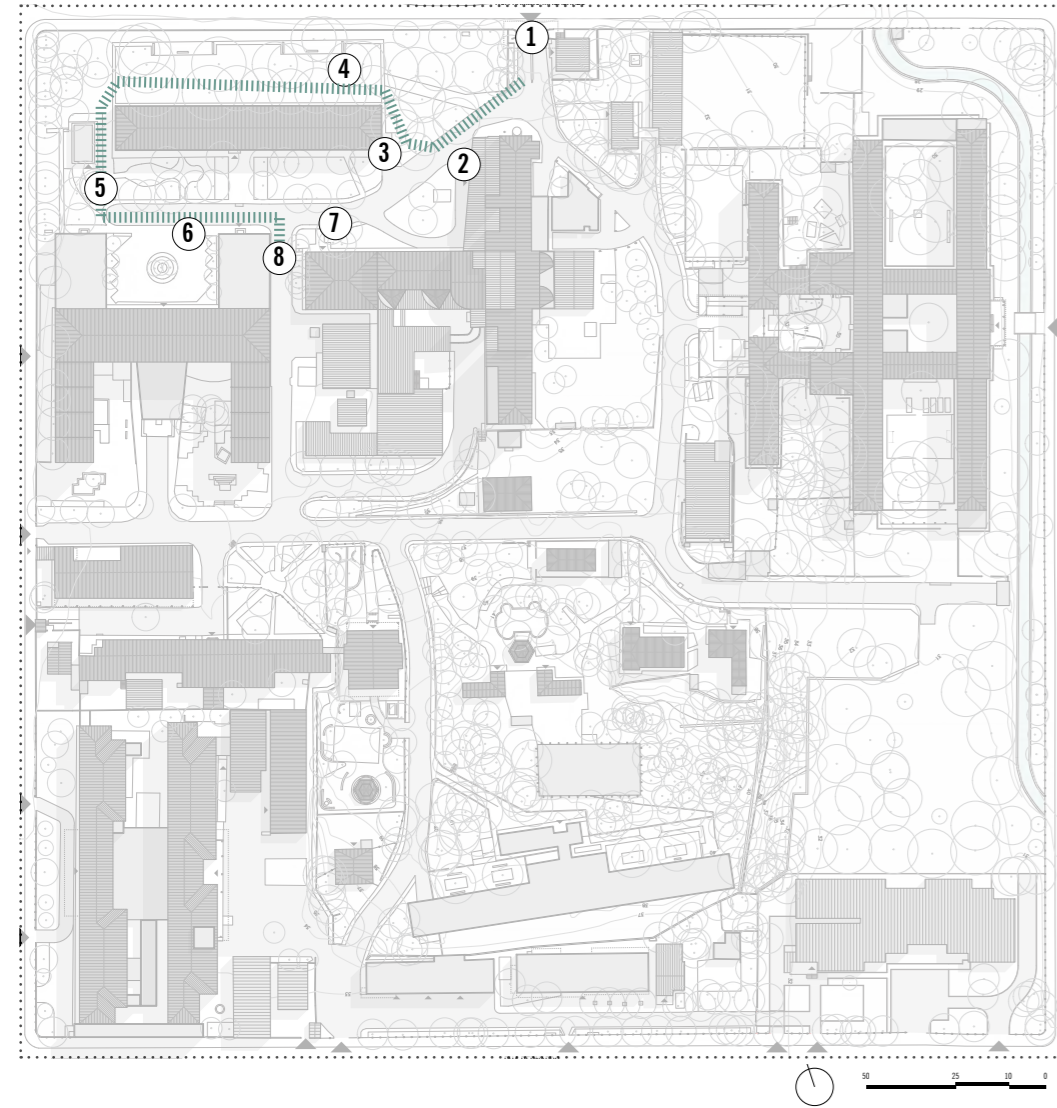


8_Vista da via de acesso

Percurso 02

Também tem início no acesso principal, percorre a via de acesso do lado esquerdo, passando por edifícios que atualmente concentram mais atividades, como O Centro de Estudos (CETAPE) e a Casa do Sol (Enfermaria / Espaço Travessia).

Percurso 02 - Acesso / Casa do Sol



1_Acesso principal



2_Bloco Médico cirúrgico



3_Lateral CETAPE



4_Área posterior CETAPE



5_Capela



6_Casa do Sol / Enfermaria



7_Lateral Bloco Médico-cirúrgico

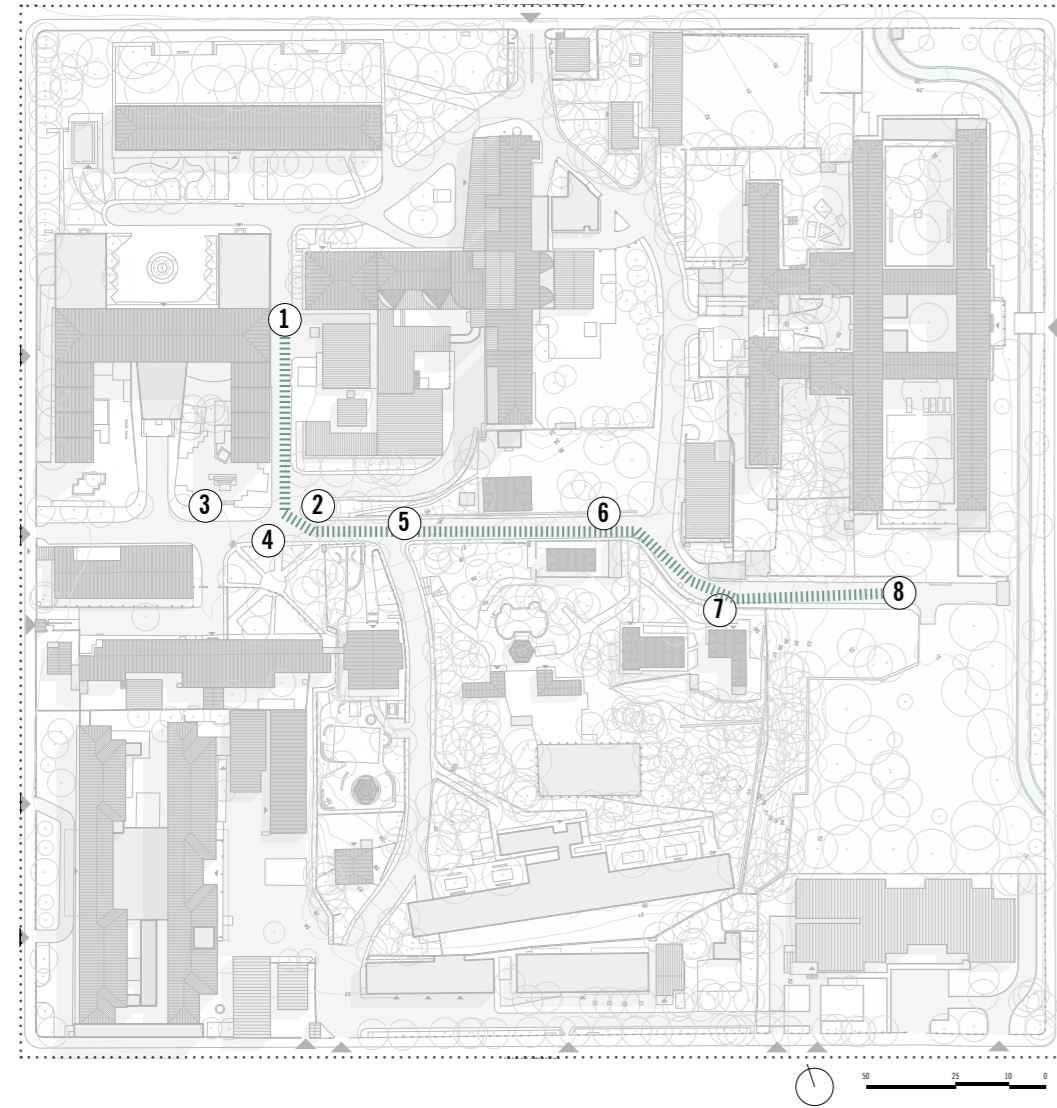


8_Vista da via de acesso / lateral da Casa do Sol

Percurso 03

Partindo da via lateral à Casa do Sol virando à direita, cortamos o espaço do IMASNS transversalmente. O percurso termina no acesso atualmente fechado pela Rua Dr. Leal, que aproximaria a área da Rua Dias da Cruz. Nesse trecho, é possível perceber o contraste entre as escalas das estruturas da colônia e do macro-hospital.

Percurso 03- Casa do Sol / Acesso Rua Dr. Leal



1_Via lateral Casa do Sol



2_Bloco Médico cirúrgico área posterior



3_Lateral Escola Municipal / Acesso Rua Dois de Fevereiro



4_Pavilhão Braule Pinto



5_Via transversal / Pavilhão Anna Nery



6_Via lateral direita / Garagem



7_Edificações na base do morrinho

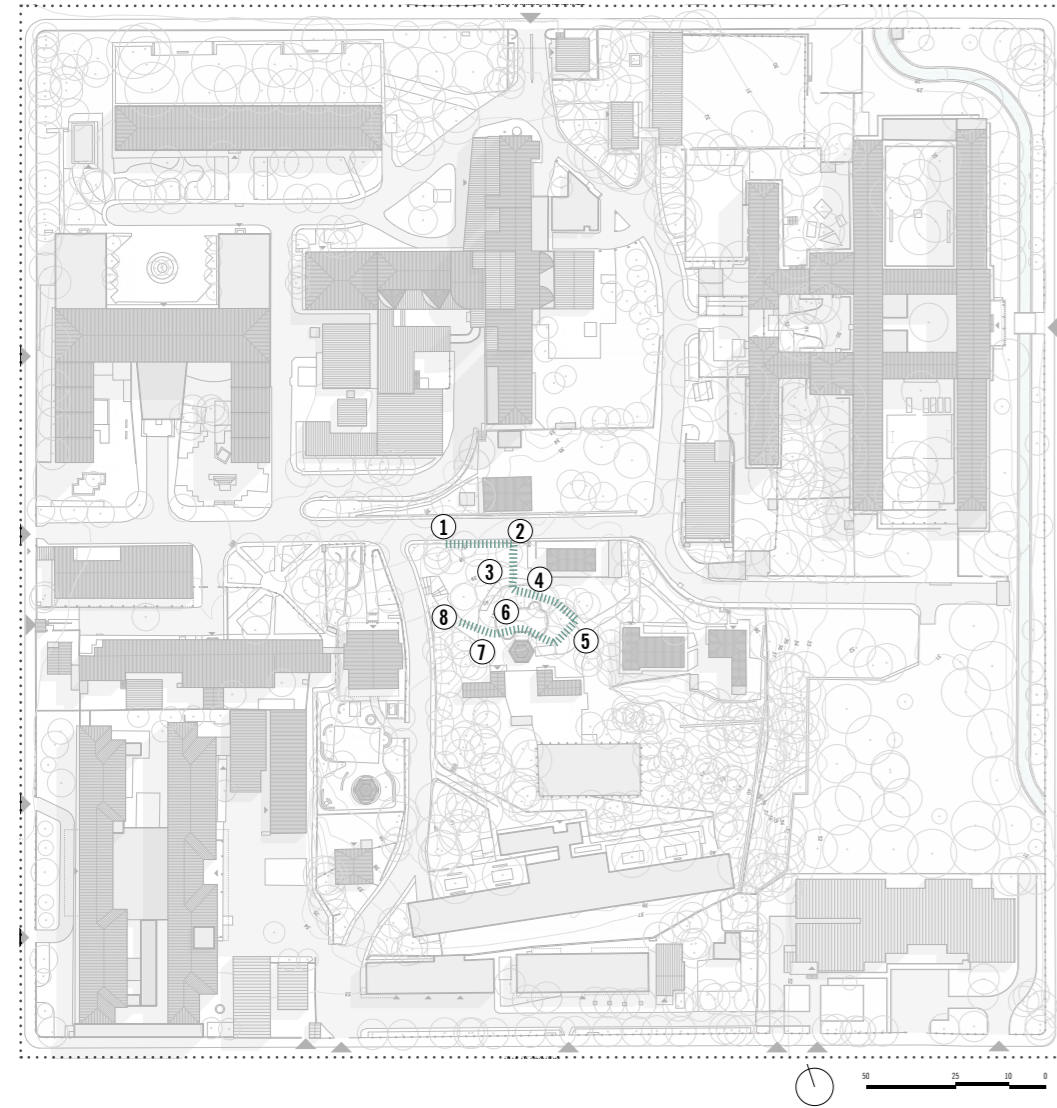


8_Via transversal / Acesso Rua Dr. Leal atualmente fechado

Percurso 04

Acessando o “Morrinho” pela via transversal, chega-se ao lago de maneira frontal. Percorremos por caminhos muito arborizados e pouco delimitados de terra ou de pavimentação em pedras subidas até os antigos pavilhões de avicultura, onde é possível nos aproximarmos do lago. Há também outro acesso lateral pela via à esquerda.

Percurso 04- Morrinho: Lago e Pavilhões



1_Via transversal / Acesso Morrinho



2_Acesso Morrinho



3_Lago e vista Pavilhão Anna Nery



4_Vista frontal Lago



5_Pavilhão de avicultura (à direita)



6_Vista a partir do Lago



7_Pavilhão de avicultura (à esquerda)

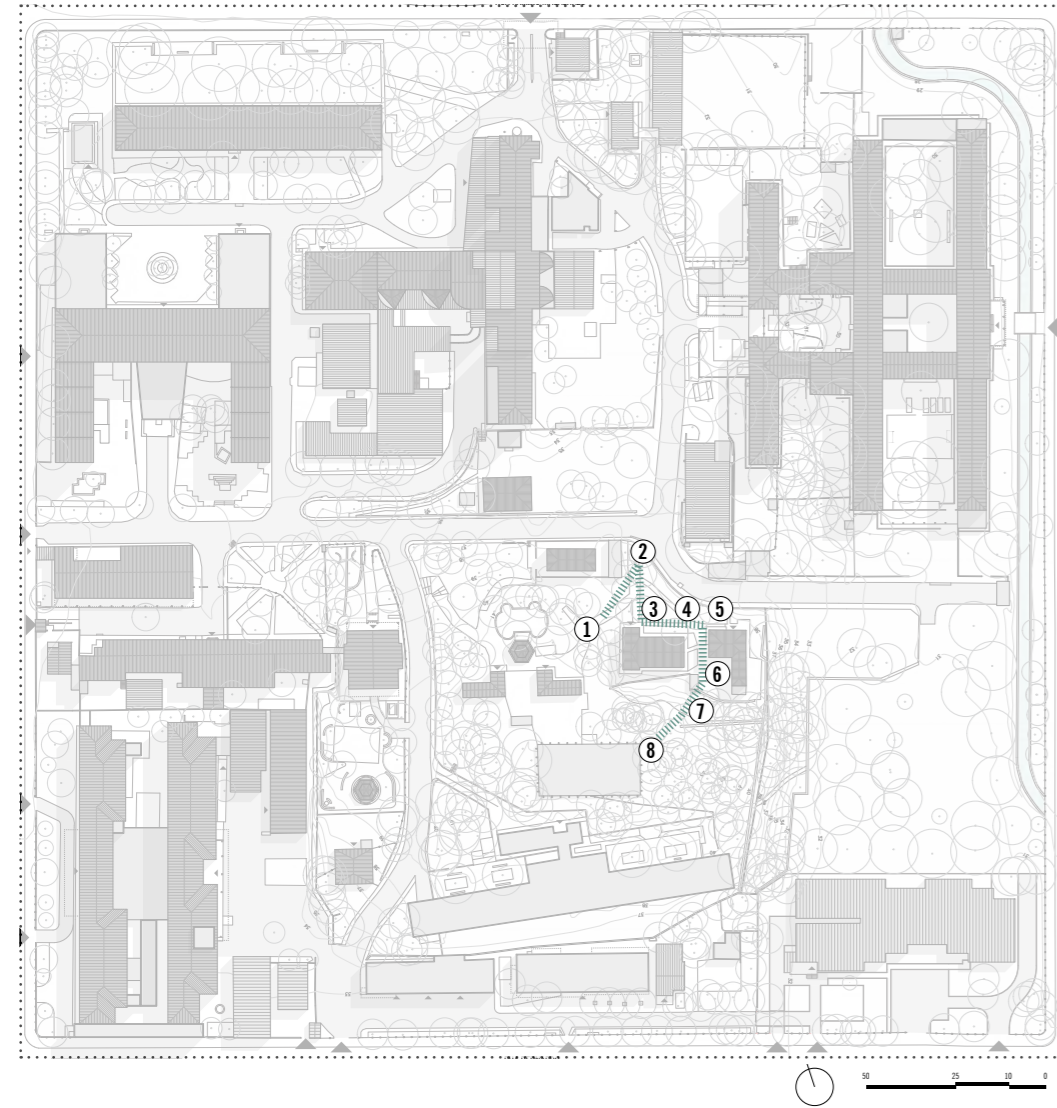


8_Vista torreão e lago (acesso ao morrinho à esquerda)

Percurso 05

Esse percurso tem início em um dos acessos ao morrinho, porém segue para as duas edificações à direita (antigas residências, atualmente desocupadas). Na área posterior, é possível subir entre as árvores do morrinho até a Caixa d'água elevada, porém de difícil acesso.

Percurso 05- Morrinho: Antigas residências e Caixa d'água



1_Acesso Morrinho



2_Acesso Morrinho



3_Antiga Casa do Engenho



4_Caminho entre as casas



5_Antiga residência / fachada principal



6_Antiga residência / fachada posterior



7_Área posterior da casa

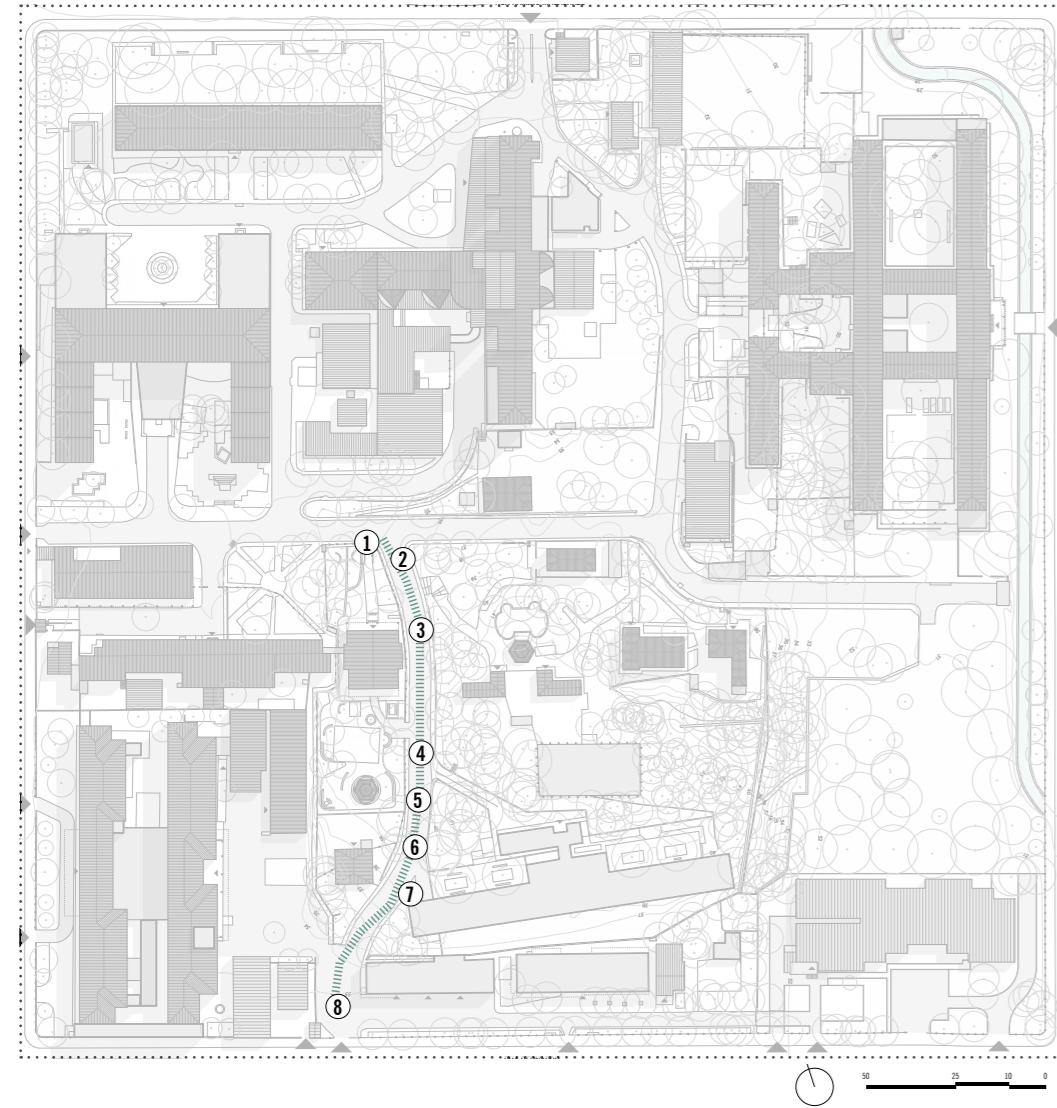


8_Caixa d'água

Percurso 06

Iniciando pela fachada principal do pavilhão Anna Nery e entrando à esquerda, passamos pela lateral do Morrinho e pela área livre atrás desse mesmo pavilhão. Também pode-se ver lateral da sede da sociedade de amigos do MII, escondida pela vegetação, e ainda, a Serra dos Pretos Forros ao fundo.

Percurso 06- Pavilhão Anna Nery / Acesso Rua Bernardo



1_Pavilhão Anna Nery / fachada principal



2_Via entre o "morrinho" e o Pavilhão Anna Nery



3_Pavilhão Anna Nery / fachada lateral



4_Área livre na parte posterior no pavilhão Anna Nery



5_Vista lateral da sede da sociedade de amigos do Museu



6_Via entre o pavilhão e o "morrinho" / Serra dos Pretos forros



7_Lateral da sede de Amigos do museu e futura área de expansão

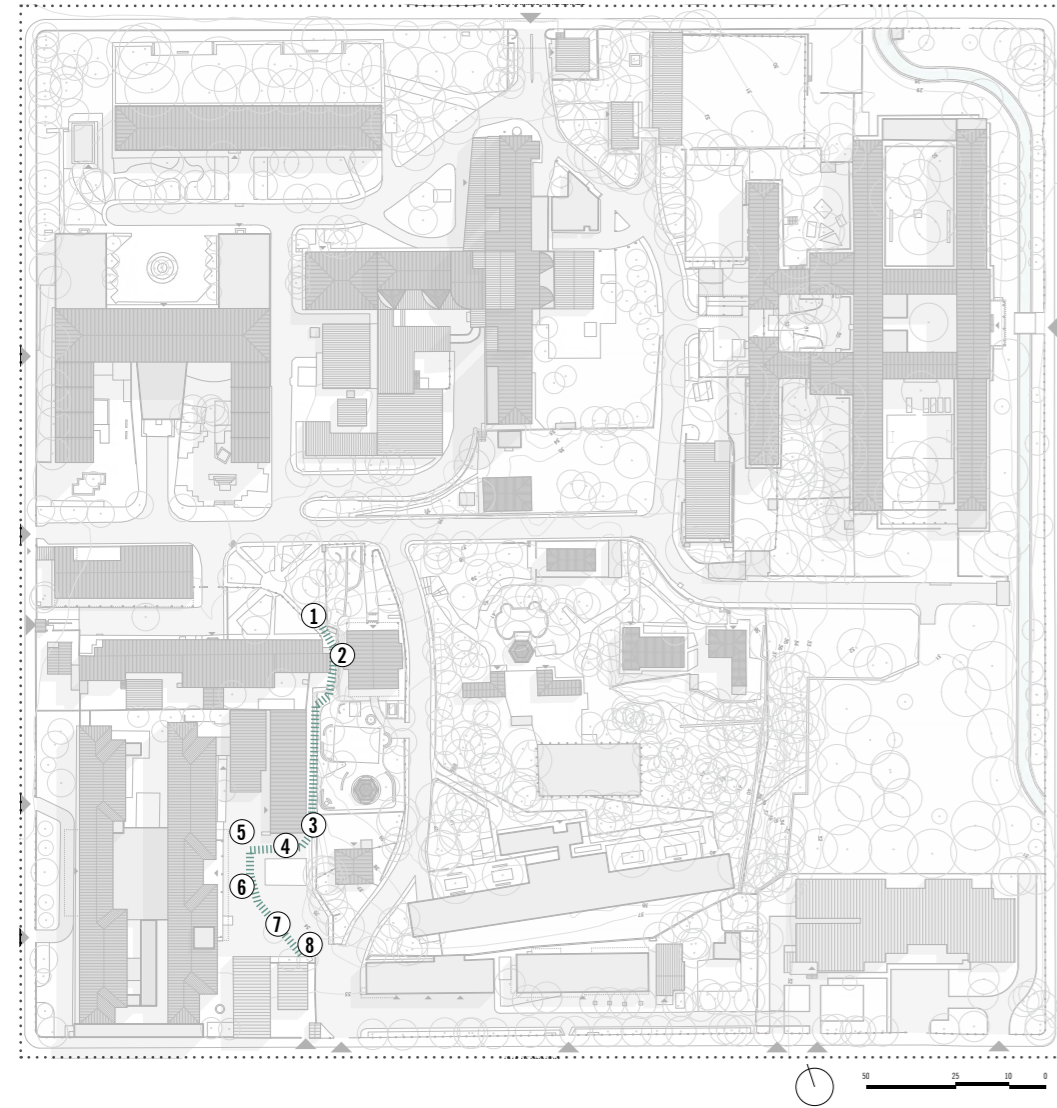


8_Acesso pela Rua Bernardo (atualmente fechado)

Percurso 07

Entre o Pavilhão Braule Pinto (atualmente ocupado como residência) e o Pavilhão Anna Nery, há um beco ocupado por diversas intervenções artísticas, que dá acesso aos fundos do CAPS Clarice Lispector. Essa área é ocupada também por uma quadra e pelo Clube de extensão Escolar.

Percurso 07- Pavilhão Braule Pinto / CAPS Clarice Lispector



1_Entrada do beco



2_Intervenções artísticas



3_Fundos do Clube de Extensão Escolar e muro de arrimo



4_Muro de arrimo / Antiga residência (desocupada)



5_Quadra e Clube de Extensão Escolar



6_Área livre nos fundos do CAPS Clarice Lispector / Ponto de Cultura



7_Jardim / CAPS Clarice Lispector e Ponto de Cultura



8_Antiga residência (desocupada)

4. Intenções projetuais

O projeto de requalificação tem como principais objetivos a aproximação com o bairro e a valorização da memória, principalmente dos elementos remanescentes da antiga Colônia de Alienadas do Engenho de Dentro. Nesse sentido, será proposto, em um primeiro momento, um plano de diretrizes para área, apontando problemas e potencialidades bem como possíveis intervenções arquitetônicas e/ou paisagísticas com intervenções paisagísticas e arquitetônicas para toda o Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira.

Com maior aprofundamento, será desenvolvido o projeto de intervenção paisagística para a área correspondente ao “Morrinho”, localizada no centro do IMASNS, e seu entorno, que concentra a maior parte dos pavilhões restantes da época da Colônia. O projeto buscará dar acesso a esse núcleo, valorizando os Pavilhões de Avicultura; integrar as atividades já existentes e propostas por meio de novos caminhos; além de sugerir experiências lúdicas e novos acontecimentos nesse percurso, que remetam a subversão do espaço da loucura - legado de Nise da Silveira que continua permeando o instituto nos dias de hoje.

4.1. Precedentes e Referências

Os seguintes projetos foram estudados como referências pelas suas intenções projetuais e postura em reação à pré-existência; pela sua materialidade e problemas semelhantes encontrados; pelas experiências e estruturas propostas.

PARQUE DA JUVENTUDE

_ São Paulo, 1999 - 2004

_ Rosa Kliass | Aflalo Gasperini arquitetos

_ 240.000 m²

_ Até 2002 a área abrigava o complexo penitenciário do Carandiru.

Em 1999, o Governo do Estado de São Paulo promoveu um concurso para a concepção do parque. O projeto de Rosa Kliass cria caminhos que atravessam ruínas de antigos edifícios, criando novos significados para o lugar. Conta com áreas voltadas para o esporte e para contemplação. São utilizadas espécies locais na vegetação.



Imagem 61: Deck sob estrutura em ruínas



Imagem 62: Percurso caminhável



Imagem 64: Mirante



Imagem 63: Estrutura Metálica e acesso ao mirante



Imagem 65: Percurso caminhável suspenso

PRAÇA MATARAZZO (Shopping Cidade São Paulo)

_ São Paulo, 2007 _ Benedito Abbud | Aflalo Gasperini arquitetos

_ 3.1400 m²

_ A praça semipública preserva 60 árvores nativas

O Shopping Cidade São Paulo e a Torre Matarazzo se localizam na Av. Paulista, esquina com a Rua Pamplona, onde anteriormente havia a mansão da família Matarazzo (demolida para a construção do empreendimento). A Praça semi-pública construída na lateral do shopping tem acesso pelas duas ruas e preserva 60 árvores nativas que existiam no lugar. O piso, em grelhas metálicas, permitiu não apenas a conservação dessas espécies, como a permeabilidade do terreno e a acessibilidade na praça, que conta com níveis diferentes.



Imagem 66: Deck Árvores nativas e vegetação



Imagem 67: Percurso com escadas e acessível



Imagem 68: Piso permeável em grelha metálica

ONE TWO THREE SWING !

_ Londres (Galeria Tate Modern), 2017

_ Coletivo SUPERFLEX

_ Aproximadamente 3.300m²

_ Instalação cruza a galeria com estruturas de balanço para três pessoas.

A galeria Turbine Hall e o espaço externo da galeria Tate Modern foram ocupados por essa instalação formada por um enorme pêndulo e uma estrutura tubular que emoldura diversos balanços para três pessoas. Os artistas questionam o estado de apatia da sociedade, propondo uma experiência em três fases: apatia (contemplação do pêndulo), produção (balanços), e movimento (estrutura que interconecta tudo). A instalação, também lúdica, promove encontros e reflete sobre a energia potencial do coletivo.



Imagem 69: Instalação na área externa



Imagem 70: Pêndulo e estrutura de suporte dos balanços



Imagem 71: Balanços para três pessoas

4.2. Setorização e recorte

Para melhor compreensão dos problemas e potencialidades do lugar, foi proposta sua divisão em 6 setores, definidos por características espaciais semelhantes; áreas livres ligadas ao funcionamento de uma estrutura específica; áreas delimitadas pelas vias e acessos existentes; e ainda, segundo as intenções projetuais para o Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira. (Ver prancha 03 - Setorização)

A seguir, são apresentados o mapa de setorização e a breve descrição dos setores correspondentes, assim como algumas diretrizes para cada um deles. O trabalho, contudo, terá como foco o SETOR 01, para o qual serão detalhados mais profundamente o estado de conservação, o projeto paisagístico e as propostas de intervenção e novos usos para as edificações.

SETOR 01 (Aprox. 20.400m²)

Neste setor estão concentradas algumas edificações remanescentes da colônia de alienadas (Pavilhão Anna Nery e Pavilhões de Avicultura), além do Museu de Imagens do Inconsciente. Assim, esse trecho se relaciona fortemente com duas fases marcantes da história desse lugar. Área mais elevada da quadra, é delimitada pelo morrote.

ELEMENTOS ESTRUTURANTES

Pavilhão Anna Nery (13), antigos pavilhões de avicultura (26 e 27), Museu de Imagens do Inconsciente (21, 22, 23), Casa de Engenho e antiga casa do diretor (29 e 30).

SETOR 02 (Aprox. 12.000m²)

Esse setor é formado pela área livre ao redor do Centro Comunitário, caracterizada por poucas intervenções e pela vegetação mais densa, principalmente próximo à UPA (entendida como um limite) e nas margens do Rios dos Frangos.

ELEMENTOS ESTRUTURANTES

Centro Comunitário (33), UPA (31) e Rio dos Frangos

SETOR 03 (Aprox. 9.500m²)

Esse setor central é formado pelo caminho de acesso ao interior do instituto e pela área dos fundos do Bloco médico cirúrgico, atualmente ocupada por anexos e por algumas intervenções artísticas. Inclui também o espaço livre entre a lateral do Bloco Médico Cirúrgico e o espaço livre lateral ao Centro Comunitário. Integrados visualmente, ambos são rebaixados em relação a via e formam um caminho de acesso ao interior do Instituto.

ELEMENTOS ESTRUTURANTES

Casa do Sol (05), Bloco Médico Cirúrgico (02), Centro Comunitário (33), Anexos (06, 07, 08).

SETOR 04 (Aprox. 5.600m²)

Esse setor inclui o espaço livre formado pela área posterior da casa do Sol e sua lateral, além da área entre os fundos da Escola Municipal Ulisses Pernambucano e o Pavilhão Braule Pinto. Forma ainda uma área de chegada para o acesso atualmente fechado da Rua Dois de Fevereiro, que permitiria o atravessamento da quadra.

ELEMENTOS ESTRUTURANTES

Casa do Sol (05), Pavilhão Braule Pinto (12), Escola Municipal Ulisses Pernambucano (10)

SETOR 05 (Aprox. 5.800m²)

Esse compreende os espaços livres entre o antigo necrotério, o Bloco Médico Cirúrgico e o Centro Comunitário. Também forma uma área de chegada ao Instituto e acesso ao Bloco Médico Cirúrgico

ELEMENTOS ESTRUTURANTES

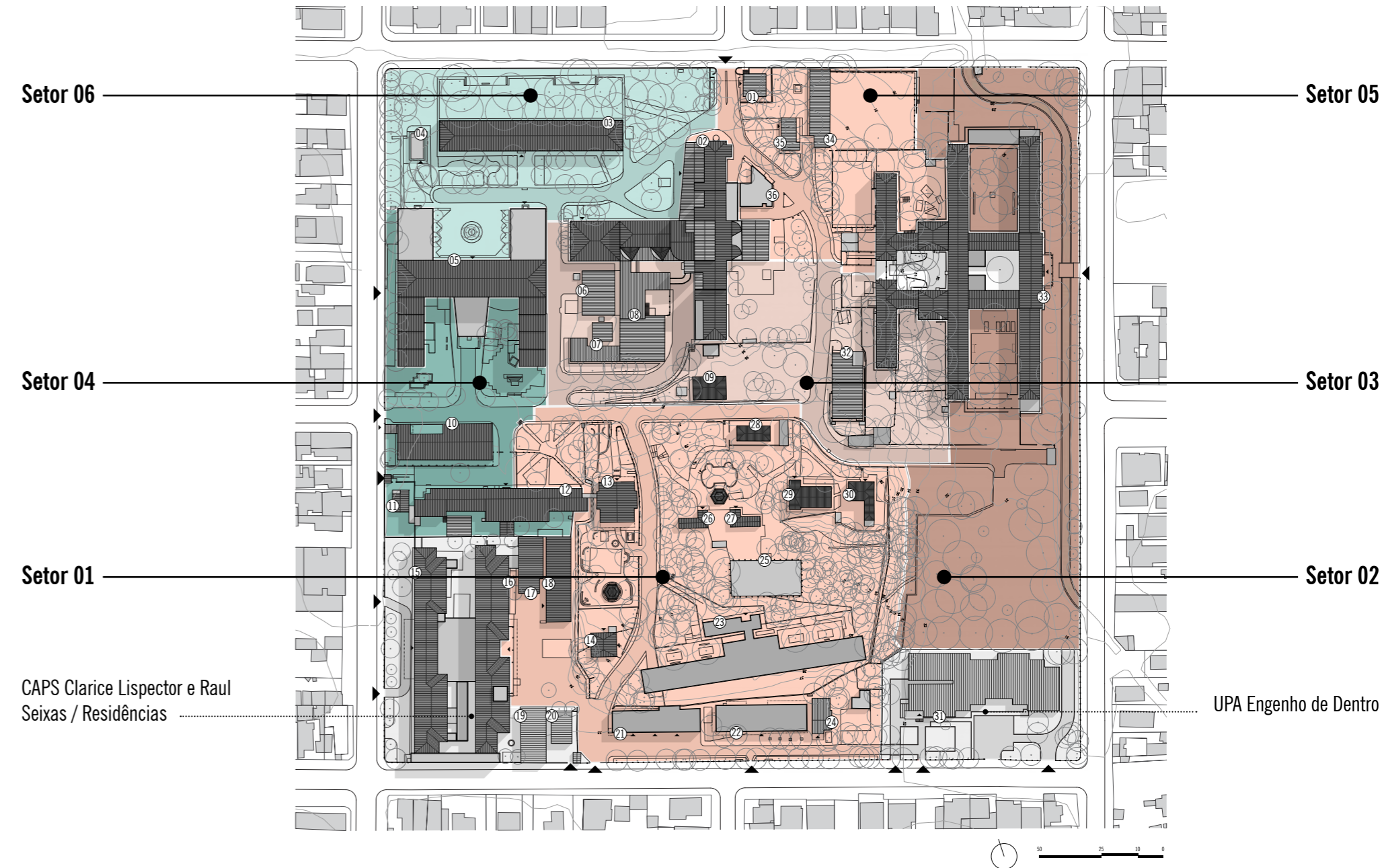
Bloco Médico Cirúrgico (02), antigo necrotério (34) e portaria (01)

SETOR 06 (Aprox. 8.000m²)

Esse setor compreende os espaços livres e bastante arborizados entre o Centro de Estudos, Casa do Sol e Bloco Médico Cirúrgico, que se integram tanto visualmente quanto fisicamente e formam uma área de entrada para o Instituto.

ELEMENTOS ESTRUTURANTES

CETAPE (03), Casa do Sol (05) e Bloco Médico Cirúrgico (02)



Setor 01 - Núcleo histórico

O SETOR 01, que concentra tanto edificações da antiga Colônia de Alienadas quanto de elementos de outras épocas foi entendido como um núcleo histórico desse lugar, que guarda relíquias de suas diferentes fases. Foi escolhido como recorte de projeto pelo potencial de reunir espaços que constroem a memória do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira e mesmo da psiquiatria, como as antigos Pavilhões de Avicultura, a Caixa d'água usada como mirante e ateliê, o Museu de Imagens do Inconsciente, o CAPS Clarice Lispector e o Pavilhão Anna Nery.

Assim, enxergamos nesse setor a vocação cultural / educativa, o que orienta as propostas de intervenção e de novos usos para as edificações.

PROBLEMAS E POTENCIALIDADES

(Ver prancha 04 - Problemas e Potencialidades e prancha 05 - Estado de Conservação)

1. Via transversal

Possibilidade de atravessamento entre as ruas Dois de Fevereiro e Dr. Leal/Dias da Cruz, uma das mais importantes do Méier. É uma potencialidade, pois estimularia a conexão do instituto com o seu entorno urbano.

2. Limites do Pavilhão Braule Pinto

Grades dão pouca privacidade para os moradores do pavilhão ao mesmo tempo que os excluem da área livre do IMASNS.

3. Pavilhão Anna Nery

É uma das edificações remanescentes da colônia de alienadas. Contudo, cercas de arame e tapumes o isolam, dificultando o acesso e a conexão com outros edifícios. A área livre ao redor pode integrar-se ao parque e ao museu. A intervenção paisagística deve valorizar o antigo pavilhão

4. Antiga residência atrás do Pavilhão Anna Nery

Atualmente desocupada e em mal estado de conservação. Proposta de reabilitação e novo uso pode integrá-la ao percurso.

5. Fundos do CAPS Clarice Lispector e Clube de Extensão Escolar

Edificações sem qualidade, criam um limite entre o pátio e o restante do parque, dificultando comunicação entre as atividades do Ponto de Cultura/ CAPS com as demais. Além disso, arte da área é usada como estacionamento, o que estreita o acesso a este espaço e dificulta a comunicação do edifício do CAPS com o restante do parque.

6. Edificação na base do “morrinho”

Edificações limitam a vista a partir do “morrinho” e para ele, além de dificultarem o acesso aos pavilhões de avicultura no topo

7. Pavilhões de Avicultura

Núcleo histórico, concentra os Pavilhões de avicultura e Lago, que são os principais remanescentes da Colônia de Alienadas do Engenho de Dentro. Encontram-se em estado e mal estado de conservação e são de difícil acesso. Reabilitados, poderiam abrigar atividades culturais, reforçando a vocação desse setor.

8. Antigas residências no “morrinho”

Atualmente subutilizados ou fechados, de difícil acesso e em mal estado de conservação, assim como as área livre entre eles. Assim como os pavilhões, poderiam ser reabilitados e integrar o complexo de atividades culturais do setor 01.

9. Caixa d'água

A laje do reservatório era utilizada nas atividades nas atividades do Ateliê de pintura, porém atualmente não há acesso e a visão é obstruída por construções que ocupam o topo do “morrinho”. Potencial como mirante para a Serra dos Pretos Forros e espaço de atividades coletivas.

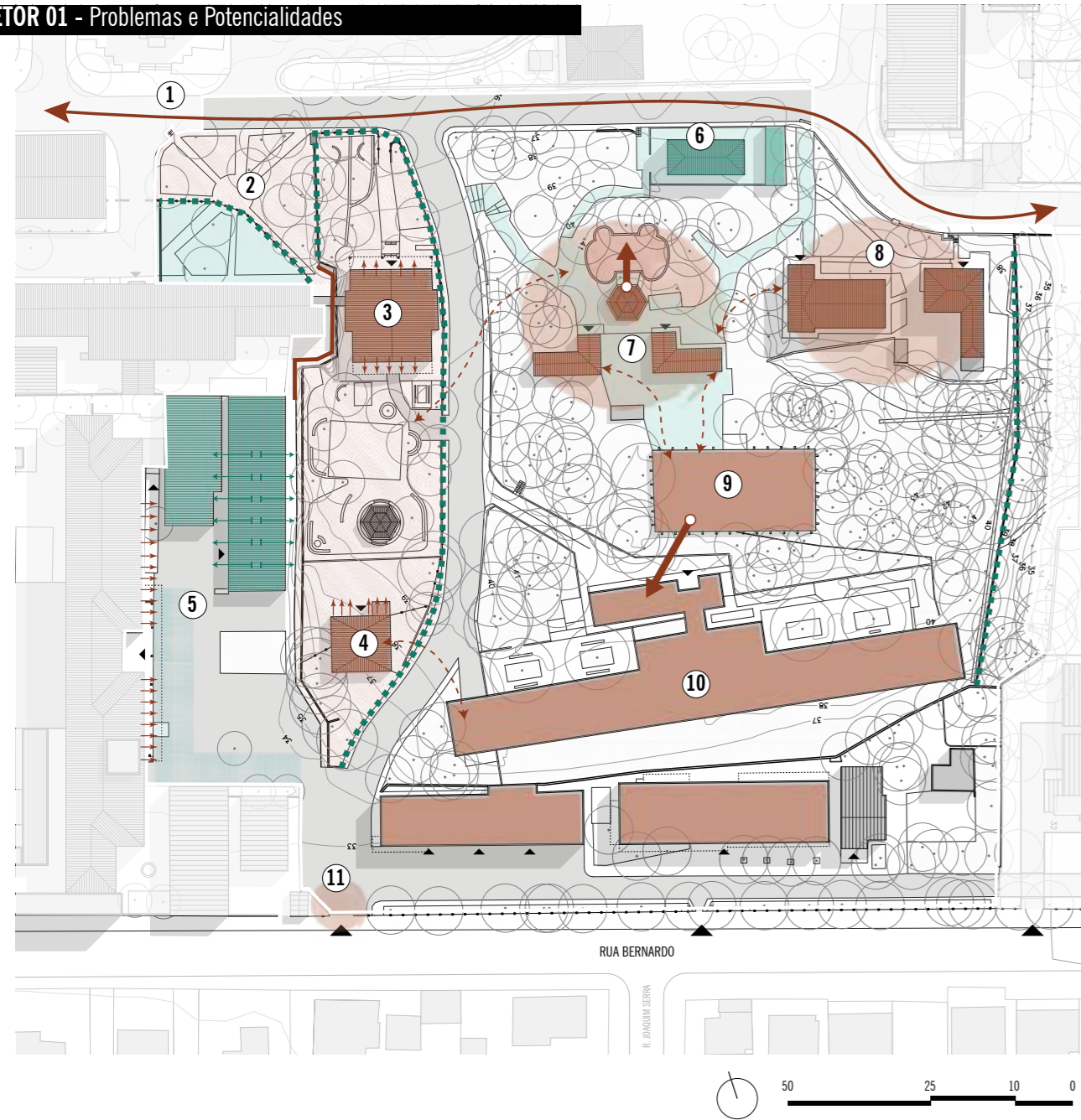
10. Museu de Imagens do Inconsciente

Projeto de Expansão (OCO Arquitetura), em fase de arrecadação de recursos e construção próxima. O projeto de extensão reforça a conexão com as edificações do “morrinho” e potencializa a vocação do conjunto como complexo cultural no IMNS.

11. Acesso ao Museu de Imagens do Inconsciente

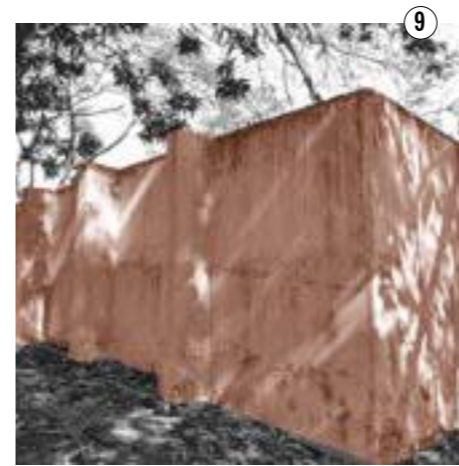
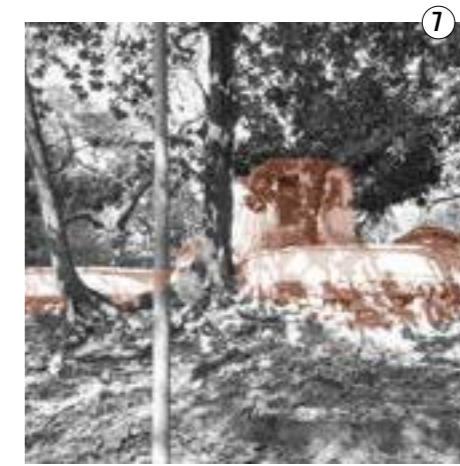
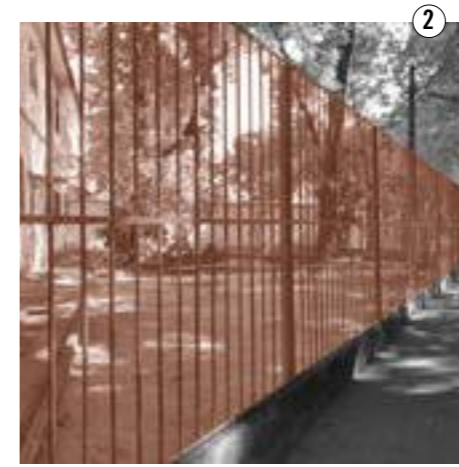
Novo acesso pela Rua Bernardo, priorizando a entrada para o museu, também permite o atravessamento da quadra nesse sentido. Possibilidade de ligação com a ciclovia existente ao redor da quadra.

SETOR 01 - Problemas e Potencialidades



LEGENDA

PROBLEMAS	
	Edificação
	Área livre / via
	Limites
POTENCIALIDADES	
	Edificação
	Área livre / via
	Fluxos
	Caminhos
	Vistas



4.3. Diretrizes de intervenção

DIRETRIZES DE INTERVENÇÃO PAISAGÍSTICA

(Ver prancha 06 - Plano de intervenções)

Demolição das edificações na base do “Morrinho” e criação de nova entrada acessível que valorize a vista para os pavilhões;

Demolição dos anexos na parte posterior do CAPS para maior integração deste com o restante do Instituto;

Retirada das grades do pavilhão Braule Pinto e Anna Nery, permitido o livre acesso a esses;

Preservação das árvores existentes e integração das mesmas ao projeto paisagístico, sem acréscimo de novas árvores;

Evitar ao máximo cortes na topografia, valorizando a forma natural da paisagem, principalmente no “Morrinho”;

Criação de novos percursos e espaços de permanência nas áreas livres e integrados às edificações existentes;

Possibilitar o atravessamento e conexão entre os edifícios e espaços, atentando para a acessibilidade dos percursos.

DIRETRIZES DE INTERVENÇÃO PARA AS EDIFICAÇÕES

(Ver prancha 06 - Plano de intervenções)

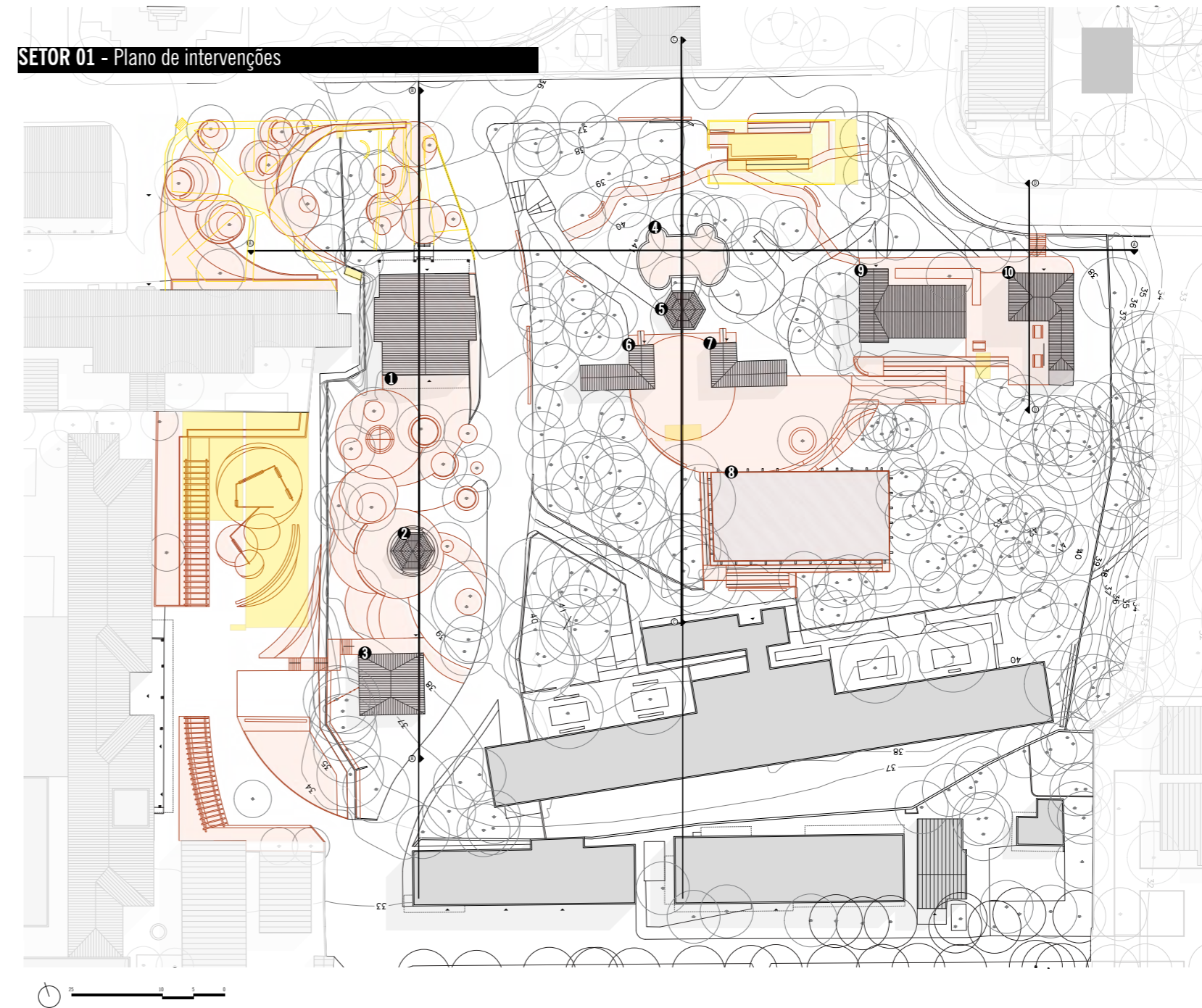
Propostas de novos usos que remetam aos valores do patrimônio cultural e se integrem a vocação cultural / educativa do Setor 01;

Valorização das iniciativas já em curso do IMNS, como o Museu da Psiquiatria (1) e a expansão do Museu de Imagens do Inconsciente;

Reabilitação dos pavilhões de Avicultura (5, 6, 7) - principalmente recuperação da cobertura e revestimentos externos, além de novos vão que retomem a imagem antiga. Retomada do Lago (4) como espelho d’água;

Reabilitação da Caixa d’água (8) como espaço de atividades coletivas, apropriações artísticas e Mirante para a Serra dos Pretos Forros;

Reabilitação das antigas residências do “Morrinho” (9, 10) - principalmente recuperação da cobertura e revestimentos externos;



LEGENDA

- Edificações a demolir
- Intervenções
- Pré-existência
- Edifícios a serem reabilitados

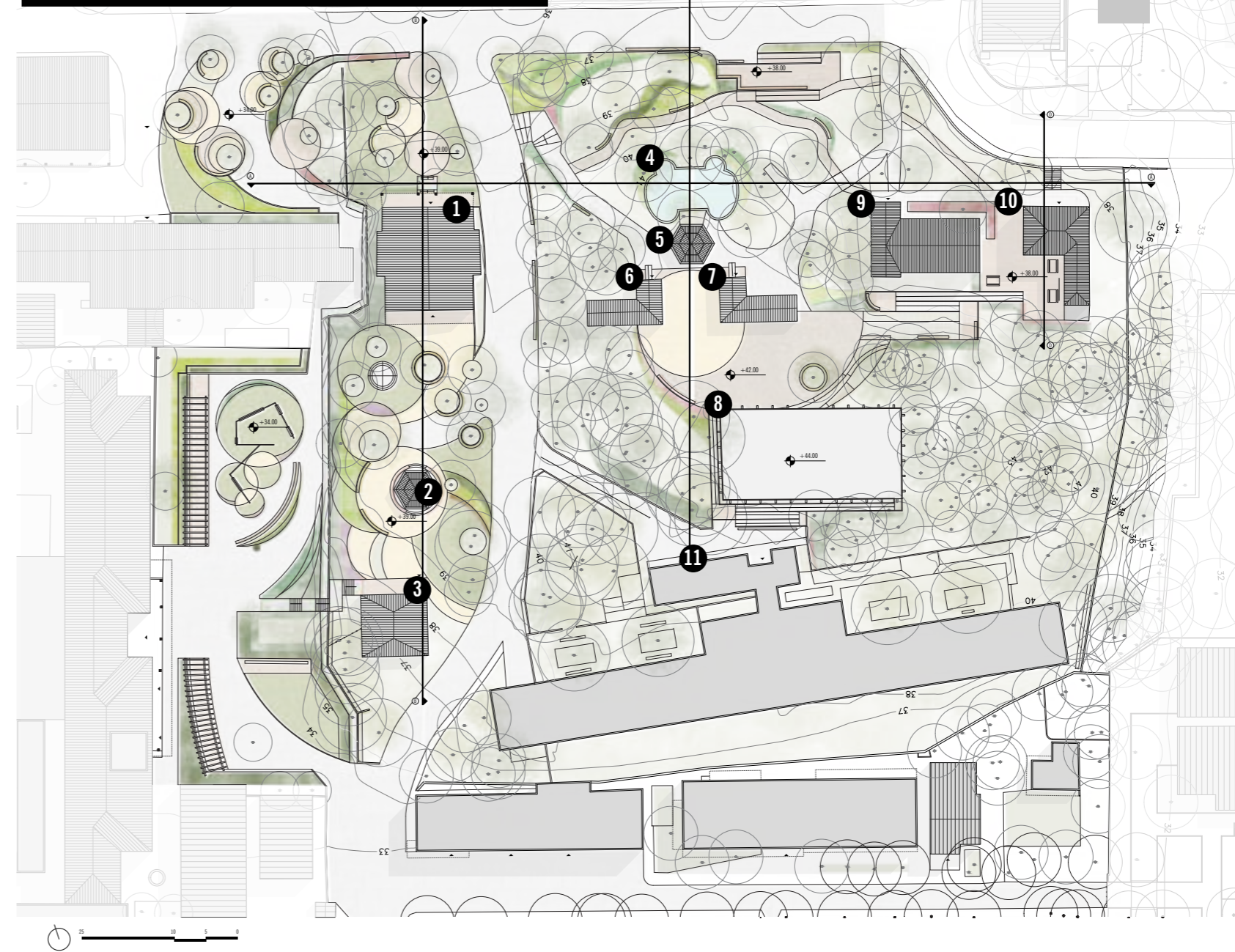
- Pavilhão Anna Nery**
Intervenção de restauro (Recuperação da cobertura, vãos e revestimento externo)
Novo uso: Museu da psiquiatria
- Coreto**
Restauro do coreto (cobertura, base e estrutura em madeira)
- Antiga residência**
Intervenção de reabilitação (recuperação da cobertura e revestimento externo)
Novo uso: Cantina/café
- Lago**
Recuperação da estrutura e retomada como lago
- Pavilhão (torre)**
Intervenção de restauro (recuperação da cobertura, revestimento externo e base)
Novo uso: Galeria
- Pavilhão de Avicultura**
Intervenção de restauro (recuperação da cobertura, revestimento externo e vãos)
Novo uso: Espaço expositivo (Colônia de alienadas e história da ocupação da área)
- Pavilhão de Avicultura**
Intervenção de restauro (recuperação da cobertura, revestimento externo e vãos)
Novo uso: Espaço educativo/oficina
- Caixa d’água**
Intervenção de restauro
Novo uso: Espaço de atividades coletivas/mirante
- Antiga residência**
Intervenção de restauro (recuperação da cobertura, revestimento externo e vãos)
Novo uso: Espaço expositivo Nise da Silveira / Acervo Memória do Mundo
- Antiga residência**
Intervenção de restauro (recuperação da cobertura, revestimento externo e vãos)
Novo uso: Expansão da Biblioteca Alexandre Passos e Biblioteca do MII

4.4. Plano de massas (Ver prancha 06 - Plano de intervenções)

Busca-se abrir acessos e caminhos que conectem as diferentes estruturas e o percurso é visto como uma forma de ressensibilização para o lugar. Ao dar acesso a esses interstícios, estimulamos curiosidade sobre vestígios de outros tempos. A nova camada destaca-se do cenário pré-existente de forma sutil, sem ofuscá-lo. As áreas verdes tornam-se também espaços apropriáveis, seja para derivas, atividades coletivas ou intervenções artísticas. Buscando uma coexistência harmônica, a topografia e a vegetação são preservadas, emolduradas por um desenho de piso inspirado na forma e nas cores das mandalas investigadas por Nise da Silveira. Além disso, não há acréscimo de arborização, pois estas são tidas como testemunhas vivas do tempo sendo especificados apenas arbustos de meia sombra em diversas cores.

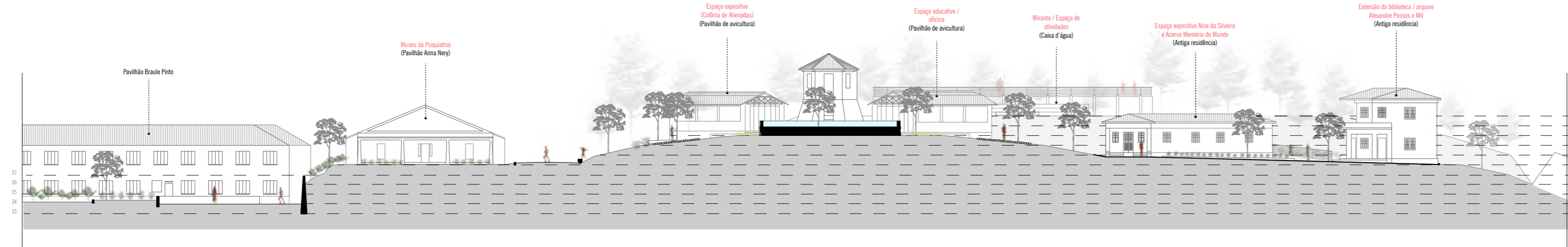
PISOS		VEGETAÇÃO	
	Concreto		Espécie: Antúrio (<i>Anthurium andraeanum</i>) Luminosidade: Meia sombra Altura: 0,4-0,6m
	Grelha metálica		Espécie: Helicônia (<i>Heliconia psittacorum</i>) Luminosidade: Meia sombra Altura: 60 - 90 cm
	Deck em madeira		Espécie: Curculigo (<i>Curculigo capitulata</i>) Luminosidade: Meia sombra Altura: 50 - 80 cm
	Pedrisco		Espécie: Lírio-da-paz (<i>Spathiphyllum wallisii</i>) Luminosidade: Meia sombra Altura: 0,4-0,6m
	Areia / pedrisco compactados		Espécie: Marantas e Calatheas Luminosidade: Sombra Altura: 0,3 - 0,4m
	Grama São Carlos		Espécie: Comigo-ninguém-pode (<i>Dieffenbachia amoena</i>) Luminosidade: Meia sombra Altura: 0,6 - 0,9m
USOS			Espécie: Costela-de-adão (<i>Monstera deliciosa</i>) Luminosidade: Meia sombra Altura: até 12m (árvore)
1	Museu da Psiquiatria		Espécie: Jibíia (<i>Syngonium podophyllum</i>) Luminosidade: Meia sombra / Sol pleno Altura: até 1,2m (forração ou trepadeira)
2	Coreto		Espécie: Singônio (<i>Syngonium podophyllum</i>) Luminosidade: Meia sombra / Sol pleno Altura: até 1,2m (forração ou trepadeira)
3	Cantina / Café		Espécie: Tradescantia roxa (<i>Tradescantia pallida</i>) Luminosidade: Meia sombra / Sol pleno Altura: 30 - 40cm (forração ou trepadeira)
4	Lago		
5	Pavilhão Galeria		
6	Pavilhão Galeria		
7	Espaço expositivo (Colônia de Alienadas e o Engenho de Dentro)		
8	Espaço educativo / oficinas		
9	Espaço expositivo Nise da Silveira e Acervo Memória do Mundo		
10	Extensão da Biblioteca Alexandre Passos e do Museu de Imagens do Inconsciente;		
11	Extensão do MII		

SETOR 01 - Plano de Massas

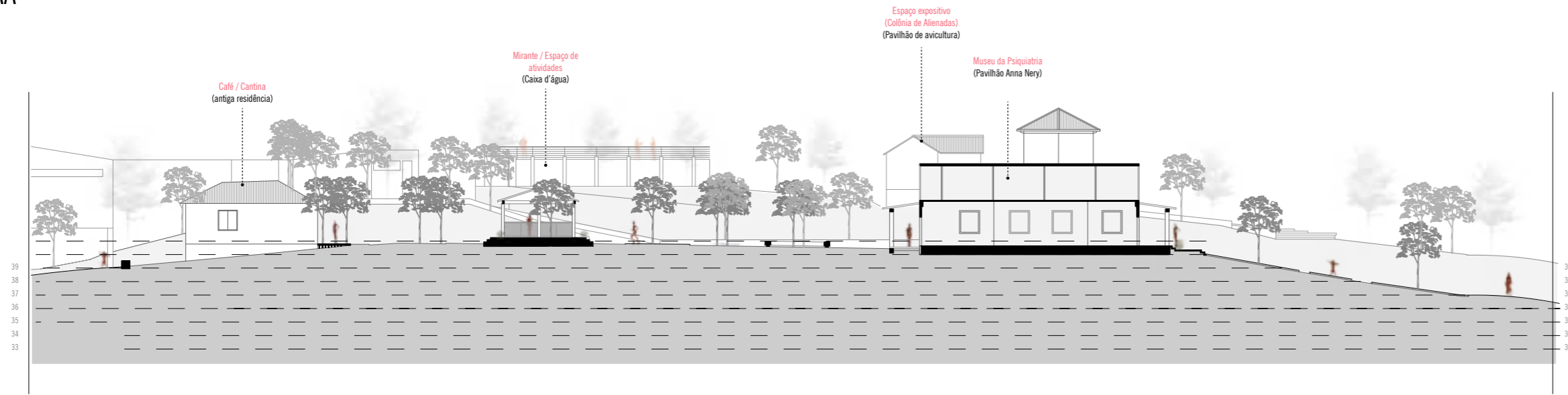


SETOR 01 - Cortes

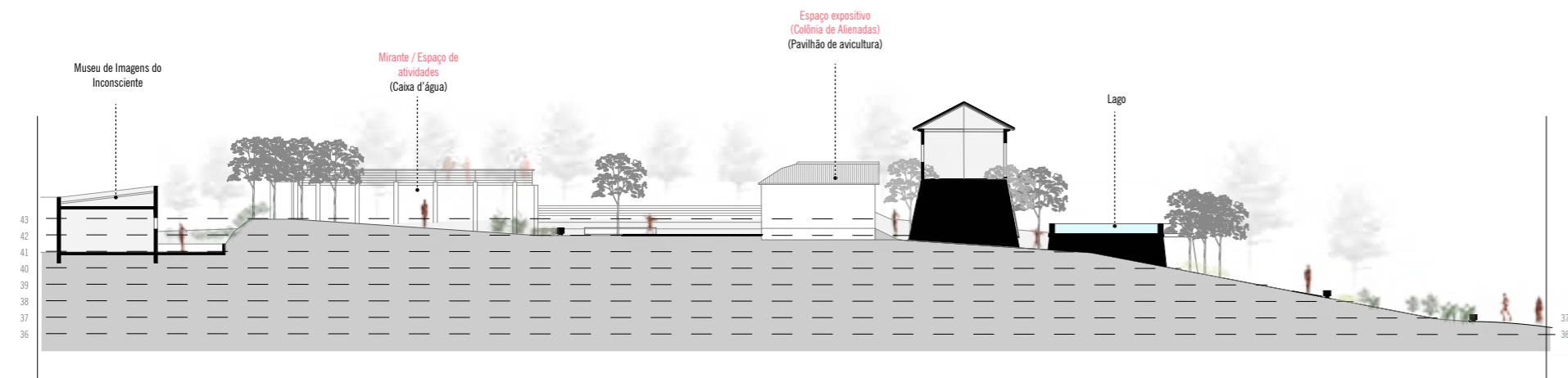
(Ver prancha 07 - Cortes)



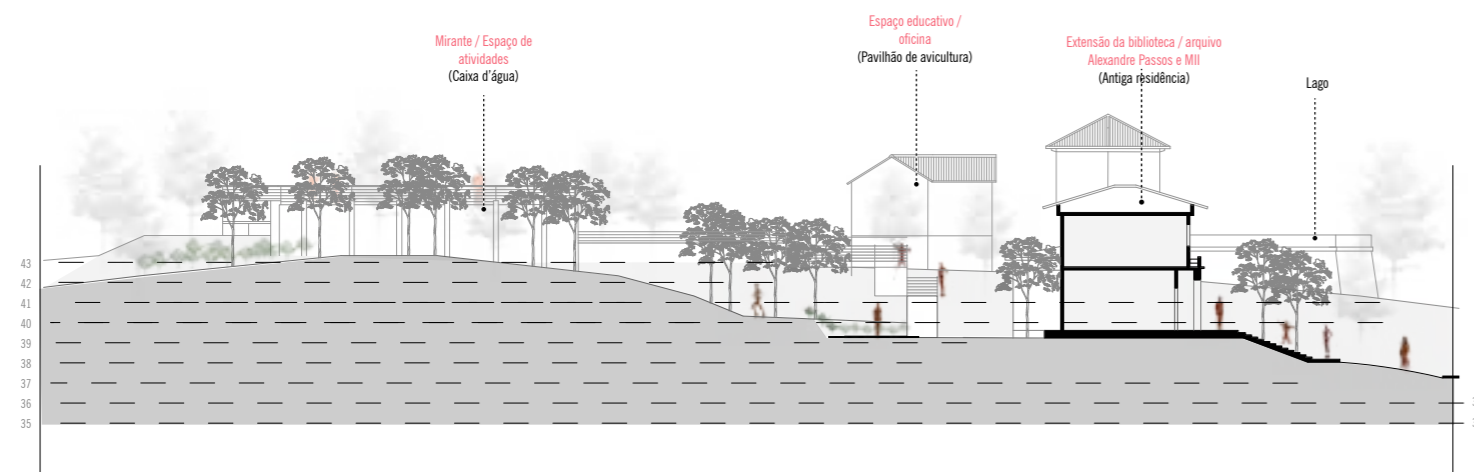
Corte AA



Corte BB



Corte CC



Corte DD



Intervenções nas edificações e no espaço livre adaptam os Pavilhões de avicultura para novas atividades



Acesso ao "morrinho". Edificação na sua base seria demolida



Jardim do Museu da Psiquiatria, atrás do pavilhão Anna Nery



Novo acesso ao "morrinho" e rampas conectam os pavilhões





Novo acesso ao "morriho" e espaço de permanência

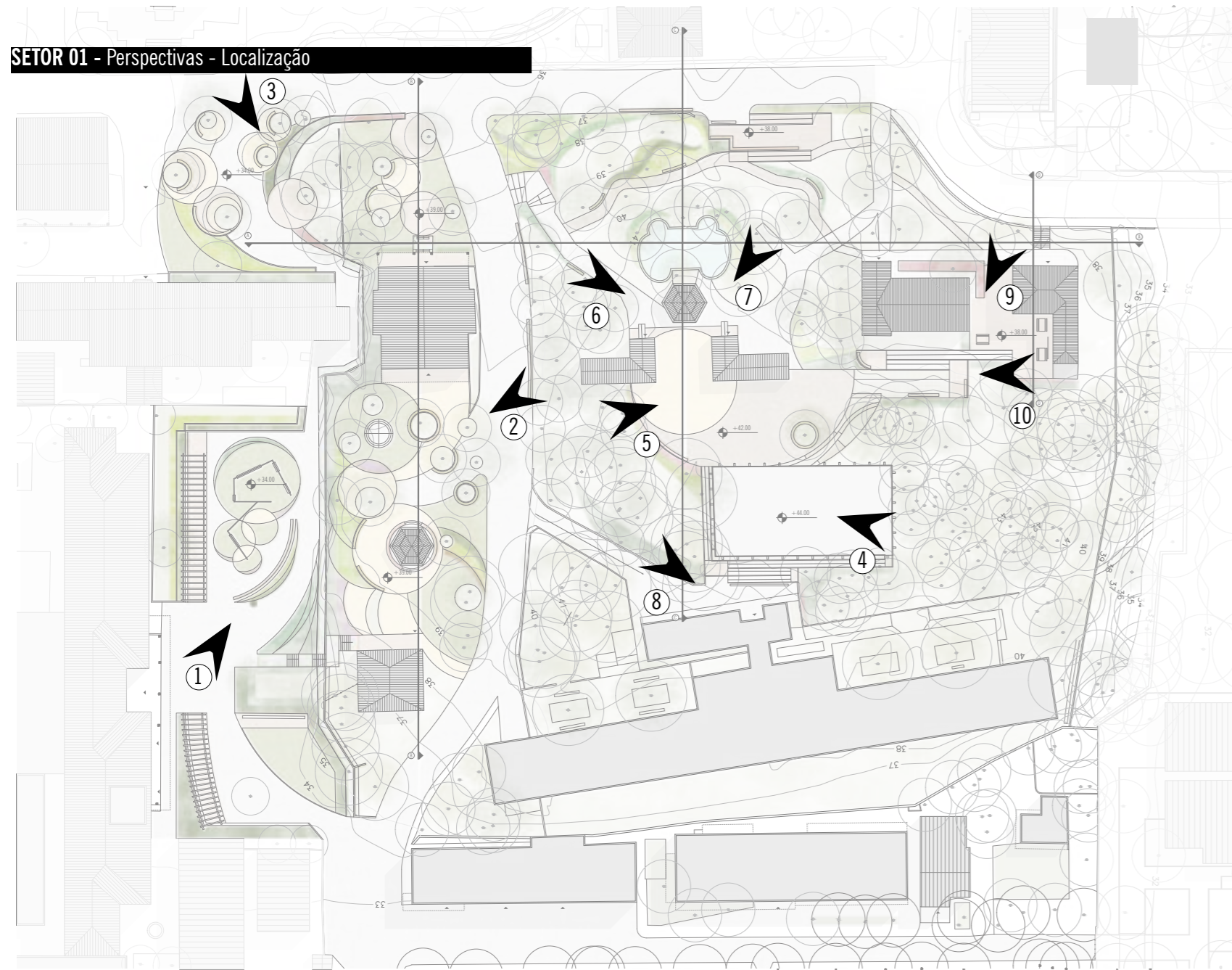


Espaço livre entre as bibliotecas



Acesso à Caixa d'água por rampas e MII

SETOR 01 - Perspectivas - Localização



01. Espaço livre CAPS



02. Jardins do Museu da Psiquiatria



03. Espaço livre Pavilhão Braule Pinto



04. Laje da Caixa d'água



05. Espaço livre entre os antigos pavilhões de avicultura



06. Lago e pavilhões



07. Pavilhões oficina e Galeria



08. Acesso a Caixa d'agua a partir do MII



09. Espaço livre entre as bibliotecas



10. Chegada da rampa de ligação as bibliotecas ao topo do “morrinho”



5. Bibliografia

ABREU, Maurício de Almeida. A evolução urbana do Rio de Janeiro. 4a. Rio de Janeiro: IPP - Instituto Pereira Passos, 2013. Disponível em: <<https://www.travessa.com.br/a-evolucao-urbana-do-rio-de-janeiro-4-ed-2013/artigo/1235489d-3799-4861-8941-02a3a319e152>> . Acesso em: 16 nov. 2019.

CENTRO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA SAÚDE. Hospício de Pedro II - da construção à desconstrução. Disponível em: <<http://www.ccms.saude.gov.br/hospicio/index.php>> . Acesso em: 10 nov. 2019.

CENTRO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA SAÚDE. Memória da Loucura. Disponível em: <<http://www.ccms.saude.gov.br/memoria%20da%20loucura/Mostra/apresenta.html>> . Acesso em: 10 nov. 2019.

DA SILVA, Carine Neves Alves. Colônia de Alienados de Engenho de Dentro (1911-1932). Anais do XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia, 2017. Disponível em: <https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502848703_ARQUIVO_CarineNevesAlves_Coloniaversaofinale1508.pdf> .

IPHAN. Processo de Tombamento do IPHAN para o acervo do Museu de Imagens do Inconsciente. 2003.

JORGE, Marco Aurélio Soares. Engenho dentro de casa: Sobre a construção de um serviço de atenção diária em saúde mental. Dissertação de Mestrado em Ciências na Área de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz - Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, RJ, 1997. Disponível em: <<https://portaldesicict.fiocruz.br/pdf/FIOCRUZ/1997/jorgemas/capa.pdf>> .

LOPES, José Leme. A Psiquiatria e o Velho Hospício. JORNAL BRASILEIRO DE PSIQUIATRIA, v. v.14, n. Instituto Municipal Nise da Silveira-IMNS, 1965.

MELLO, Luiz Carlos. Caminhos de Uma Psiquiatra Rebelde. Rio de Janeiro, RJ: Automatica Ed., 2014.

MORAES, Cristina Vignoli. Bairros do Rio: Meier e Engenho de Dentro. 1a. Rio de Janeiro, RJ: Fraiha, 1998. Disponível em: <<https://www.travessa.com.br/bairros-do-rio-meier-e-engenho-de-dentro/artigo/ff97a5f6-018a-4806-9706-b3c8f3556e9d>> . Acesso em: 16 nov. 2019.

OLIVEIRA, Edmar. Cuidadndo da Desconstrução: do Engenho de Dentro para um Engenho do Fora. Arquivos Contemporâneos do Engenho de Dentro - História e Cuidado em Saúde Mental, v. 1, n. Instituto Municipal Nise da Silveira, p. 11–15, 2007.

OLIVEIRA, Luciana. A prática da psicoterapia no mundo das imagens. In: Anais do Seminário Leitura de Imagens: a epistemologia de Nise da Silveira. 1a. Rio de Janeiro, RJ: Hólos consultoria e assessoria, 2017.

REVEL, Judith. Dicionário Foucault. Edição: 1a. [s.l.]: Forense Universitária, 2011.

SILVEIRA, Nise da. Imagens do inconsciente. Edição: 1a. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

YASUI, Silvio. Conhecendo as origens da reforma psiquiátrica brasileira: as experiências francesa e italiana. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 18, n. 2, p. 585–589, 2011.

ZOSCHKE, Camila. A arte e a Loucura: uma aproximação histórica. Anais V Fórum de Pesquisa Científica em Arte - Escola de Música e Belas artes do Paraná, p. 88–97, 2007.

A Superlotação - Hospício de Pedro II. Disponível em: <<http://www.ccms.saude.gov.br/hospicio/superlotacao.php>> . Acesso em: 16 nov. 2019.

As Colônias - Hospício de Pedro II. Disponível em: <<http://www.ccms.saude.gov.br/hospicio/colonias2.php>> . Acesso em: 16 nov. 2019.

História. Loucura Suburbana. Disponível em: <<https://www.loucurasuburbana.org>> . Acesso em: 16 nov. 2019.

IMASJM - Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira - Base de Dados História e Loucura. Disponível em: <<http://historiaeloucura.gov.br/index.php/instituto-municipal-de-assistencia-saude-juliano-moreira-brasil-brasil-secretaria-municipal-de-saude-do-rio-de-janeiro>> . Acesso em: 10 nov. 2019.

Memória da Loucura. Disponível em: <<http://www.ccms.saude.gov.br/memoria%20da%20loucura/Mostra/retratos06.html>> . Acesso em: 16 nov. 2019.

Muito que conhecer no Engenho de Dentro. MultiRio. Disponível em: <<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/6589-muito-que-conhecer-no-engenho-de-dentro>> . Acesso em: 16 nov. 2019.

Museu de Imagens do Inconsciente. Disponível em: <<http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br/#historico>> . Acesso em: 16 nov. 2019.

Nise da Silveira, Vida e Obra - Ateliê de pintura. Disponível em: <<http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/atelie-de-pintura.php>> . Acesso em: 16 nov. 2019.

Nise da Silveira, Vida e Obra - Home page. Disponível em: <<http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/index.php>> . Acesso em: 12 nov. 2019.

Nise da Silveira, Vida e Obra - O afeto catalisador. Disponível em: <<http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/afeto-catalisador.php>> . Acesso em: 16 nov. 2019.

Nise da Silveira, Vida e Obra - Seção de Terapêutica Ocupacional. Disponível em: <<http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/secao-de-terapeutica-ocupacional.php>> . Acesso em: 16 nov. 2019.

Origens - Hospício de Pedro II. Disponível em: <<http://www.ccms.saude.gov.br/hospicio/origens1.php>> . Acesso em: 16 nov. 2019.

Disponível em: <<http://www.ccms.saude.gov.br/hospicio/text/pjbpn1.php>> . Acesso em: 16 nov. 2019.